



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL
(POSMEX)

**Artivismo nas Redes Folkcomunicacionais: um estudo a luz da Economia Criativa sobre
a (re)construção do Desenvolvimento Local na cidade de Itabaiana – PB**

Recife

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL
(POSMEEX)

EUDO JANSEN NETO

Artivismo nas Redes Folkcomunicacionais: um estudo a luz da Economia Criativa sobre a (re)construção do Desenvolvimento Local na cidade de Itabaiana – PB

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Severino Alves de Lucena Filho

Recife
MAIO/2016

EUDO JANSEN NETO

**Artivismo nas Redes Folkcomunicacionais: um estudo a luz da Economia Criativa sobre
a (re)construção do Desenvolvimento Local na cidade de Itabaiana – PB**

Recife

2016

CIP – Catalogação na Publicação

JANSEN NETO, EUDO
J86a Artivismo nas Redes Folkcomunicacionais: Um estudo a
luz da Economia Criativa sobre a (re)construção do
Desenvolvimento Local na cidade de Itabaiana - PB / EUDO
JANSEN NETO. - Recife, 2016.
92 f.

Orientador: Dr. Severino Alves de Lucena Filho.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural de
Pernambuco, Departamento de Educação, Programa de Pós-
Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, 2016.

1. Itabaiana - PB. 2. Folkcomunicação. 3. Artivismo.
4. Desenvolvimento Local. 5. Economia Criativa. I. Lucena
Filho, Dr. Severino Alves de, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL
(POSMEX)

EUDO JANSEN NETO

Artivismo nas Redes Folkcomunicacionais: um estudo a luz da Economia Criativa sobre a (re)construção do Desenvolvimento Local na cidade de Itabaiana – PB

Dissertação julgada adequada para obtenção do título de Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local. Defendida e aprovada em **23/05/2016** pela seguinte Banca Examinadora.



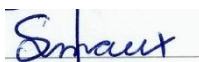
Prof. Dr. Severino Alves de Lucena Filho
(Orientador)

(UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco)



Prof. Dra. Betânia Maciel
(Examinador Interna)

(UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco)



Prof. Dra. Suelly Maria Maux Dias
(Examinadora Externa)
(UFPB – Universidade Federal da Paraíba)

Dedico este trabalho a Marina Jansen (filha), Camilla Jansen (esposa), ao Professor Severino Lucena Filho, aos Artivistas Fábio Mozart e Jessier Quirino, e a todo o povo itabaianense.

Agradecimentos

Em primeiro e soberano lugar agradeço a esta luz divina que nos acompanha e guia todos os momentos, sem a qual nada seríamos, o nosso Deus!

A minha filha Marina e a minha esposa Camilla, que estiveram incansavelmente ao meu lado, todos os dias desta luta, acreditando na minha capacidade e investindo no meu conhecimento;

Ao Professor Severino Lucena Filho, pelo carinho humanidade e compreensão;

A Professora Suelly Maux, que sempre esteve ao nosso lado na caminhada acadêmica;

Aos meus pais, João Carlos e Lindalva, que sempre foram os pilares da minha educação e nunca deixaram de me incentivar;

Ao meu sogro e minha sogra, Carlos e Enilda, que estão ao nosso lado em todas as lutas, acreditando, incentivando, rezando e torcendo por nosso sucesso;

Aos colegas que juntos comigo formaram a turma 2014 do Posmex:

Aline (por toda doçura e atenção), Amanda (pelos debates e por abrir minha mente), Criz (pelas parcerias e pelo conhecimento), Carminha (por dividir os bons e os não tão bons, momentos), Eliane (por todo cuidado e atenção), João Gabriel (pelas poucas, mas assertivas palavras), Lucas (pelas conversas e trocas de ideias), Luiz (pela companhia e pelos papos livres), Sertanejo Mauricio (por todo carinho, suporte e disposição em ajudar), Josy (pela acolhida, cuidado, carinho e apoio incondicional), Juliana (sem palavras, por tudo e mais um pouco!), Paula (pelos embates superados pelo carinho), Ricardo (por dividir os momentos acadêmicos), Vanessa (minha irmã acadêmica, que esteve ao meu lado em todos os momentos, sendo confidente e conselheira).

Aos mestres com muito, mas muito carinho:

Dr. Ângelo Brás Callou, por todo o ensinamento e trocas de experiências acadêmicas;

Dr. Paulo de Jesus, pela compreensão e por ampliar nossa visão de mundo;

Dra. Salett Tauk Santos, pela compreensão e por todo o conhecimento que adquirimos;

Dra. Irenilda Lima, pelas lições de vida e superação. Belas lições de vida que segue.

Dra. Aparecida Tenório, pela paixão docente e respeito irrestrito aos discentes;

Dra. Rosário Leitão, por todo apoio, paciência e pelos ensinamentos de forma doce;

Dra. Graça Ataíde, pelas grandes lições, receptividade e exemplo acadêmico;

Dra. Betânia Maciel, por toda doçura para aliviar a nossa caminhada e pelas grandes contribuições em nosso trabalho.

A nossa companheira acadêmico-administrativa Márcia Paraiso, que sempre nos atendeu com todo carinho e respeito, colaborando como facilitadora nas questões burocráticas.

Não podia esquecer os nobres colegas de outras turmas, mas que sempre estiveram presentes em nossa caminhada, dando total e irrestrito apoio as nossas dificuldades e limitações:

Maria Luciana Bezerra (sempre apoiando e incentivando), Daniel Ferreira (pelas trocas de experiências e apoio), Leylane (mesmo com pouco contato, nos serviu de exemplo), Vera Lúcia (por toda dedicação em nos ajudar e ensinar).

Com um imenso medo de esquecer o nome de alguém, mas já me desculpando, agradeço a todos os demais amigos, familiares, companheiros acadêmicos, alunos e aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que este trabalho fosse possível.

Por fim, e de tamanha importância, meus sinceros agradecimentos a Fábio Mozart e Jessier Quirino, que foram fonte de informação e inspiração para este trabalho.

Quem desiste da luta, senta para assistir a vitória dos outros.

Barbara Coré

Resumo

Analisamos o papel dos Artivistas no processo de construção do Desenvolvimento Local na cidade de Itabaiana – PB. Buscamos entender como os processos da cultura popular podem contribuir com esta dinâmica. O método utilizado foi o estudo de caso, analisando as práticas de Jessier Quirino, poeta matuto e Fábio Mozart, poeta e cordelista. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas e anotações das observações. A partir das análises identificamos cinco pontos como essenciais no processo de construção do Desenvolvimento Local: Linguagem, Reconhecimento, Sentimento de Pertença, Memória e Arte na construção do Discurso. Com isso, concluímos que o papel dos Artivistas na construção do Desenvolvimento Local é formar futuros possíveis a partir da mobilização fomentada a partir da sua arte.

Palavras-chave: Desenvolvimento Endógeno. Comunicação Cotidiana. Artivismo.

Abstract

We analyze the role of the Artivistas in the process of construction of Local Development in the city of Itabaiana - PB. We seek to understand how the processes of popular culture can contribute to this dynamic. The method used was the case study, analyzing the practices of Jessier Quirino, poet matuto and Fábio Mozart, poet and draftsman. Data were collected through semi-structured interviews and observation notes. From the analysis we identified five points as essential in the process of building Local Development: Language, Recognition, Sentiment of Belonging, Memory and Art in the construction of the Discourse. With this, we conclude that the role of the Artivistas in the construction of Local Development is to form possible futures from the mobilization fomented from their art.

Keyword: Endogenous Development. Daily Communication. Artivismo.

Lista de Figuras

Figura 1 - Alto dos Currais Atualmente	18
Figura 2 - Feira de Cavalos Abaixo da Gameleira (1987).....	19
Figura 3 - Movimento na Feira da Cidade.....	19
Figura 4 - Feira de Gêneros Alimentícios (2015)	20
Figura 5 - Cantadores de Viola no Meio da Feira (1987).....	20
Figura 6 - Vendedores de Cordel Recitando as Estórias	21
Figura 7 - Esquema da Rota dos Trens na Região	22
Figura 8 - Trem Parado na Estação em Itabaiana (1950).....	22
Figura 9 - Triângulo na Estação Ferroviária da Cidade	23
Figura 10 - Antiga Estação Ferroviária (Hoje um hotel).....	39
Figura 11 - Casas Construídas nos Arredores do Curtume	23
Figura 12 - Placa em homenagem aos revolucionários da Batalha do Açude das Pedras.....	25
Figura 13 – Vice-Prefeito José Bandeira no Plantio da Festa das Árvores (1916).....	25
Figura 14 - Francisco Sótter de Figueiredo (1912).....	26
Figura 15 - Matriz de Nossa Senhora da Conceição	27
Figura 16 - Imagens de Nosso Senhor Morto e Senhor dos Passos	27
Figura 17 - Foto da Antiga Capela Santo Antônio.....	28
Figura 18 - Antigo Paço Municipal	28
Figura 19 - Antigo Paço Municipal onde hoje funciona a Câmara Municipal	28
Figura 20 - Coreto na Época da Festa das Árvores	29
Figura 21 - Zé Pereira e Sua Família nos Desfiles (1990).....	30
Figura 22 - Zé Pereira e Maria Pereira com Mocinha de Nicó.....	30
Figura 23 - Bateria A Bagaceira	31
Figura 24 - Carnaval de 1970 no Itabaiana Clube	31
Figura 25 - Foliões com os macacões do Nó Cego.....	32
Figura 26 - Foto dos Diretores do Bloco Karas no trio (1995).....	33
Figura 27 - Índios desfilando no carnaval de 2016	33
Figura 28 - Foliões com chapéu de boi fazendo brincadeiras	34
Figura 29 - Boi no capuz do carro	34
Figura 30 - Missa Campal na festa de Nossa Senhora da Conceição (2014)	36
Figura 31 - Gruta Azul	41
Figura 32 - Foto do prédio onde funcionou Instituto Nossa Senhora do Carmo	41
Figura 33 – Fábio Mozart ao lado deste pesquisador nos estúdios da Rádio Tabajara AM no dia em que dividimos o Programa Alô Comunidade	51
Figura 34 – Este pesquisador recebendo das mãos de Fábio Mozart sua obra que conta a história dos principais nomes/lideranças de Itabaiana – PB.....	52
Figura 35 – O pesquisador e Jessier Quirino ladeando uma geladeira antiga que faz parte da decoração regionalista de sua residência	54

Lista de Quadros

Quadro 1 – Apresentação de alguns filhos da cidade de Itabaiana – PB	42
Quadro 2 - Etapas da Pesquisa	46
Quadro 3 - Atores Sociais x Ofícios x Taxionomias	47
Quadro 4 - Capitais da Economia Criativa.....	60
Quadro 5 - Divisão das Atividades de Economia Criativa	64
Quadro 6 - Taxionomia da Folkcomunicação	66

Sumário

1 INTRODUÇÃO	13
2 A RAINHA DO VALE E SUA SOBERANA IMPORTÂNCIA	17
2.1 O Ciclo Memorialista	17
2.2 Os Festejos e seu Capital Simbólico	29
2.3 Notas sobre o Espaço, Política e Economia de Itabaiana – PB	37
2.4 Do Cotidiano Social da Cidade	38
2.5 A Cultura Popular e o Patrimônio Histórico	40
3 PERCUSSO METODOLÓGICO	45
3.1 Os Artivistas Escolhidos	48
4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	55
4.1 Os Passos da Comunicação para o Desenvolvimento	55
4.2 As Perspectivas do Desenvolvimento Local e o Capital Social	57
4.3 Criatividade e Cultura Popular: elementos de uma nova economia	59
4.4 O surgimento da Economia Criativa e sua aplicabilidade no Desenvolvimento Local	61
4.5 Folkcomunicação: a comunicação popular cotidiana	65
4.6 Os líderes de Opinião e o Ativista Midiático	70
4.7 O Artivismo e seus agentes Artivistas	72
Referências	77
5 ARTIGO CIENTÍFICO	82
Introdução	83
Folkcomunicação: Conceito e Taxionomia	84
Capital Social e Desenvolvimento Local: Faces da Mesma Moeda	86
Artivismo: Arte Política ou Política da Arte?	87
O Método	88
ANÁLISES E DISCUSSÕES	90
Caso 1 – Jessier Quirino: o arquiteto das palavras.....	91
<i>Linguagem e Símbolos</i>	93
<i>Reconhecimento</i>	94
<i>Imaginário e Memória</i>	95
<i>Sentimento de pertença</i>	97
<i>Arte na construção do discurso</i>	99
Caso 2 – Fábio Mozart, o Leão.....	100
Considerações Finais	103
Referências	105

1 INTRODUÇÃO

“No lumiar das ideias (a meu ver), surgem duas Itabaianas: uma próspera e reluzente (a partir do eixo polarizador da feira de gado), cantada em tempos antigos por Sabiniano Maia, e outra por mim alcançada, que é a Itabaiana ofendida e atordoada, que se entregou e se entrega a seus “donos” pensando ter chegado os dias melhores. Entre mortos e feridos salvaram-se todos, menos a cara da cidade ultrajada.”

Jessier Quirino

Ao estudarmos a cidade de Itabaiana – PB, que fica a 81km da capital, nossa expectativa era conhecer de uma forma mais profunda como os atores sociais, que enveredam pelo caminho da cultura popular, podem contribuir para o desenvolvimento da cidade. Mais especificamente, como esta cultura entranhada na genética local trona-se capaz de mobilizar pessoas, gerar renda, ser canal de comunicação e espaço para que os cidadãos possam crescer e alcançar o atendimento de suas necessidades. Fomos surpreendidos, pois acabamos conhecendo a história de vida e cidadania, de pessoas que lutam constantemente pelo crescimento, reconhecimento e valorização da sua cidade.

Itabaiana – PB é uma das principais cidades da região do Agreste paraibano, convergindo para si as necessidades de pelo menos 11 cidades ao seu redor. Destaca-se como uma das maiores economias do Estado tendo na agricultura, pecuária e comércio suas principais atividades. Sua grande vocação é a cultura popular, sendo guardiã de uma história que se revela seu maior patrimônio, história esta, conhecida por poucos e esquecida por muitos.

As palavras de Jessier Quirino na epígrafe desta seção descortinam duas realidades perceptíveis àqueles que olham para Itabaiana – PB. A primeira delas nos salta os olhos através da leitura do estudo memorialista de Maia (2015), que num apanhado histórico, sociológico, antropológico, etnográfico e cultural, transcorrido entre os anos de 1500 a 1975, mostra uma cidade que vivenciou transformações sociais, econômicas e culturais, que resultaram na modificação da qualidade de vida no local, tornando-a referência para o Estado nos campos da política, do comércio, da indústria, da agropecuária, nas festividades e nas conquistas como energia elétrica, trem e muitas outras. Chegou a ser cobiçada como uma capital.

A segunda realidade é a que amargamente vemos na atualidade. A cidade que outrora foi exemplo de progresso e desenvolvimento apresenta uma total ausência de políticas públicas efetivas, com o desejo de resolver questões como educação, saúde, emprego e renda, desenvolvimento humano, lazer e bem-estar social. Os cidadãos e seus gestores públicos têm esquecido e desvalorizado suas origens e seu patrimônio histórico-cultural, avançando cada vez mais para a condição de dependente de ajudas financeiras que nunca chegam e com isso escondendo as reais oportunidades de crescimento humano e social que possuem internamente.

Este cenário de dificuldades e abandono não é vivenciado apenas por Itabaiana – PB. Várias são as cidade do interior nordestino que desconhecem seus potenciais e não entendem o valor da cultura popular como instrumento de Desenvolvimento Local. Porém, estas riquezas locais acabam entusiasmando alguns cidadãos que criam ideias e descobrem valores capazes de gerar renda e melhorar de vida através de suas artes.

Podemos resumir alguns exemplos destes cidadãos que encontraram em Itabaiana – PB este entusiasmo para viver, crescer e até lutar por condições melhores, usando a cultura popular como ferramenta. São eles: Adeildo Vieira na Música, Romualdo Palhano na Educação e História, Fábio Mozart no Jornalismo e nas Artes, Vladimir de Carvalho no Cinema, Mestre Joeudes no Artesanato, Jessier Quirino na Poesia Matuta e na Arquitetura, Oziel Dias na Tapeçaria e Artes, Otto Cavalcante nas Artes Plásticas, Thiago Alves na Poesia, Sander Lee no Cordel, Sivuca na Música Erudita, entre tantos outros.

Estas expressões da cultura popular carregam consigo sentimentos de pertença, valorização do local, reconhecimento e poder de expressar as contingências vividas pelas culturas populares locais.

Considerando todo este cenário, onde a cidade e as suas manifestações da cultura popular tornam-se instrumentos mobilizadores de Desenvolvimento Local, e levando em conta que existem cidadãos que se destacam a partir destas mesmas expressões e fazem delas seu ofício e forma de protesto para melhoria de vida da comunidade em que estão inseridos, propomos o seguinte problema de pesquisa:

Qual o papel dos Artistas¹ das redes folkcomunicacionais no processo de (re)construção do Desenvolvimento Local em Itabaiana – PB?

Para alcançarmos tal resposta elencamos como objetivos específicos: (1) mapear na cidade as principais expressões da cultura popular; (2) analisar os processos

¹ Atores sociais que usam sua arte ou ofício, enquanto saber-fazer, como instrumento de protesto pelas condições vividas por si, ou pelo meio em que estão inseridos.

folkcomunicacionais que acontecem nestas expressões, (3) identificar nestas expressões culturais os sujeitos que desenvolvem algum tipo de Artivismo, (4) entender como os Artivistas se apropriam destas expressões para contribuir com o Desenvolvimento Local e por fim, (5) analisar como estas expressões se enquadra nos processos da Economia Criativa, sobretudo no que trata da circulação dos bens e serviços gerados por elas.

Para alcançarmos os objetivos propostos acima nos empenhamos num caminhar metodológico dividido em quatro etapas, quais sejam, (1) levantamento documental e bibliográfico para nos aprofundar na história da cidade e dos seus atores sociais de destaque, além do embasamento teórico do estudo; (2) uma experiência de campo para observar de forma geral e panorâmica as relações sociais da cidade, a vida dos atores que compõem o *corpus* da pesquisa e os aspectos que envolvem o problema proposto; (3) uma observação direta e participante focada na captação de sentidos das ações e discursos dos Artivistas escolhidos para o estudo; (4) e por fim, o esforço de análise, de forma qualitativa, das falas, ações e práticas observadas nas fases anteriores, buscando responder a pergunta proposta.

Desde 2013 esta temática tem nos acompanhado no caminhar acadêmico. Naquele ano, fizemos parte da disciplina de Folkcomunicação, no Curso de Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, momento em que nos identificamos com a teoria que inter-relaciona o folclore e a comunicação. Como fruto desta identificação, desenvolvemos um TCC – Trabalho de Conclusão de Curso que se materializou num projeto experimental de Relações Públicas denominado *Ações de Relações Públicas no contexto cultural para a Cidade de Itabaiana – PB*.

Ao concluirmos o já referido curso, verificamos novas possibilidades de avançar nestes estudos e na transversalidade entre Folkcomunicação e Desenvolvimento Local. Inicialmente tentamos a entrada no mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, na qual não obtivemos sucesso. Logo em seguida conhecemos o Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – Posmex da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE e nele a linha de pesquisa *Políticas de Comunicação para o Desenvolvimento Local*, onde encontramos o espaço para costurarmos o desejo já existente sobre o tema e o interesse do programa por temáticas da cultura popular ligada a Economia Criativa.

Já como membro do citado programa foi possível avançar nos diálogos entre Comunicação Popular Cotidiana (Folkcomunicação), Desenvolvimento Local e Economia Criativa, áreas que vêm constantemente encontrando convergências e construindo caminhos

possíveis para um modelo de desenvolvimento centrado nas potencialidades endógenas e fora do assistencialismo, que quase sempre levam a dependência dos poderes públicos.

A escolha destas categorias para nortear o presente estudo tem as seguintes motivações: a Folkcomunicação através de seus estudos mais recentes têm se mostrado um importante elemento de mobilização, por ser um suporte comunicacional aproximativo junto às culturas populares; o Desenvolvimento Local tornou-se a tendência de projetos de desenvolvimento por entender que as particularidades do local são de extrema importância na formatação de políticas sustentáveis; e a Economia Criativa foi considerada pelos órgãos mundiais de fomento ao desenvolvimento como a estratégia de desenvolvimento do século XXI, tendo a cultura como principal matéria prima da sua cadeia produtiva. Por isto, este tripé foi o escolhido como norte teórico do presente estudo.

Com este direcionamento teórico-metodológico, acreditamos estar nos juntando a outras pesquisas desenvolvidas no POSMEX, com destaque para as de Cesar de Mendonça Pereira (2008) e Mariana Reis (2012) sobre Economia Criativa e as de Vera Lúcia Santos (2015), Maria Aparecida Cornélio (2015), Maria Luciana Bezerra (2014), Leilane Bertoldo (2013), Eliana Queiroz (2011) e Decilene Maria da Silva (2011) sobre Folkcomunicação, com a missão de avançar nesta área do conhecimento, onde as políticas e estratégias da comunicação mostram força para contribuir com o fortalecimento do Desenvolvimento Local.

Este estudo destaca-se por trazer a realidade do Nordeste à temática do Ativismo e por tratar pela primeira vez deste conceito sob os olhares da Comunicação Popular Cotidiana.

Com isto, acreditamos estar avançando a fronteira do conhecimento em relação aos trabalhos citados, sobretudo pela perspectiva de validar o papel dos atores sociais ativistas como mobilizadores da comunidade e das instituições, com vistas a construção de ações de desenvolvimento a partir da valoração dos elementos da Cultura Popular local.

Por fim, enunciamos que nas seções a seguir faremos os devidos detalhamentos sobre: as curiosidades da rica história da cidade de Itabaiana – PB, nos trazendo lembranças, saudosismos, valores culturais e simbólicos, sentimento de identidade e pertença, sabores e cheiros, motivos pelos quais a cidade recebe o título de *Rainha do Vale do Paraíba*; o caminhar da pesquisa, que de uma forma espontânea nos fez desaguar na história de vida de vários Artivistas locais, sendo necessária a escolha de dois deles para o *corpus* da pesquisa; os conceitos e categorias que balizaram nosso pensar, agir e analisar, servindo de guia para condução de nosso caminho; e por fim a síntese da presente pesquisa, materializada num artigo científico, que contempla as etapas até aqui citadas acrescentando-se das análises e discussões que nos levaram a algumas conclusões.

2 A RAINHA DO VALE E SUA SOBERANA IMPORTÂNCIA

2.1 O Ciclo Memorialista

Por volta do século XVI, começam a chegar ao Brasil os padres jesuítas – missionários católicos – integrantes da Companhia de Jesus, com a missão de catequizar e difundir os dogmas religiosos da Europa aos povos nativos (indígenas). Para facilitar neste processo de catequização, estes padres organizavam aldeamentos, chamados de missão.

As primeiras missões realizadas no Brasil se deram nas áreas costeiras, por onde os navios portugueses chegavam. Com o apoio dos soldados vindos do continente europeu, os jesuítas tiravam os índios de suas aldeias e os levavam para as missões, porém esta atitude com uso de força, não trouxe resultados positivos em função da resistência oferecida pelos nativos. Além disto, o contato com os colonizadores trouxeram doenças que os levavam a morte.

Tendo estes problemas em cena, a partir do início do século XVII os jesuítas resolveram realizar as missões nas regiões interioranas do Brasil, evitando assim os diversos problemas que já haviam enfrentado. Apesar das missões terem ocorrido em todo o território nacional, verificou-se a sua maior incidência na Região Nordeste.

Em especial, uma destas missões nos interessa, a Missão do Pilar. Por volta de 1663, comandada pelo Padre Martim Nantes, veio pelas margens do Rio Paraíba o grupo de jesuítas que se instalaria onde hoje é a cidade de Itabaiana – PB. Com o passar do tempo, foram sendo concedidas sesmarias², quem em sua maioria se tornaram fazendas de gado. Com o povoamento destas áreas e o constante relacionamento comercial que acontecia entre as fazendas criadas, logo a localidade foi crescendo e se desenvolvendo (MAIA, 2015).

Dois séculos depois, alguns fatores despontam como os mais determinantes para o crescimento da cidade, dentre eles a criação da Feira de Gado por volta de 1864, e a chegada do trem por volta de 1900.

A feira de gado foi considerada pelos estudiosos da história da cidade como o principal elemento desenvolvimentista local, tendo existido entre os anos de 1864 a 1964. Ocorria todas as segundas-feiras à tarde, no Alto dos Currais³, e servia para que os criadores da região comercializassem os animais, a carne e seus derivados. Maia (2015) nos alerta que o

² Concessão de terras feita pela coroa portuguesa, com o intuito de desenvolver a agricultura e a criação de gado, bem como povoar o território brasileiro, servindo de recompensa para aqueles que prestavam serviços a coroa nas missões de descoberta.

³ Nome dado a está área da cidade, e que permanece o mesmo até hoje.

fato da cidade ter uma feira deste tipo, por si só já aponta sua importância no estado e na região, visto que nesta época, o Nordeste quase que como todo, tinha sua economia baseada nesta atividade.

Figura 1 - Alto dos Currais em dia de feira (2016)



Fonte: Nivaldo Miguel do Nascimento Neto

A partir desta feira, despontou a necessidade de ampliar e diversificar os produtos e gêneros, motivo pelo qual surgiram outras quatro feiras: a feira do capim, a feira do bacurau, a de gêneros alimentícios, a feira dos cavalos.

Na feira do capim, que acontecia ao entardecer do dia, eram comercializadas forragens, capim, palha de milho e bagaços de cana (restos dos caldos de cana vendidos durante o dia na feira de gado) para alimentar os cavalos, burros, bois e outros animais utilizados como transporte de pessoas e mercadorias durante o dia na feira de gado.

A feira do Bacurau era uma verdadeira festividade. Ocorria aos fundos do Mercado Público, reunindo os tangerinos⁴ que ali faziam suas refeições, ou tomavam seus aperitivos, enquanto se preparavam para festejar os negócios do dia nos antigos cabarés. A gastronomia era variada entre arroz doce, requeijão, bolos, picado de porco, porco com farinha, carne torrada com toucinho e farofa, tapiocas e broas de goma. Ali também não eram dispensadas as fumadas de cachimbo.

Sobre a feira dos cavalos, sabe-se que ela ocorria a sombra de uma gameleira, árvores tradicionais na época, onde os animais era avaliados quanto a pelagem, idade, e sua

⁴ Responsável pela condução do gado. A origem do nosso vaqueiro nordestino. Leva este nome em referência aos trabalhadores do Porto de Tanger (Marrocos), local de onde veio a maioria do gado nordestino na época da colonização.

personalidade, indicando a qual função lhe era mais favorável. Sua importância foi destacada por vários jornais a época, que inclusive relatavam sobre roubos de cavalos ocorridos de um lado da feira, que posteriormente eram levados para serem vendidos do outro lado. Seu local foi modificado ao menos umas três vezes, tendo sua última localização abaixo da gameleira em frente a atual cadeia pública (MAIA, 2015).

Figura 2 - Feira de Cavalos Abaixo da Gameleira em 1987 (Esta feira foi extinta)



Fonte: Eduardo Pazera Junior

Das cinco feiras existentes, a única que ainda perdura na atualidade é a feira de gêneros alimentícios, que acontece as terças-feiras, dia mantido desde a colonização, pois era o quando o prefeito vinha da sede administrativa, localizada em Pilar, e ia despachar na localidade. É realizada no largo da Matriz e se estende até a altura da Praça Epitácio Pessoa.

Figura 3 - Movimento na Feira da Cidade



Fonte: Pesquisa Direta

Figura 4 - Feira de Gêneros Alimentícios (2015)



Fonte: Pesquisa Direta

Com o passar do tempo, a feira se adaptou e se reconfigurou, tendo além dos gêneros alimentícios, comercialização de roupas, sapatos, eletrônicos, carnes, cds e dvds piratas, lanches, itens do lar, cama, mesa e banho, além de um espaço para comercialização de artesanato; de tudo se pode encontrar. A feira de gêneros acabou se institucionalizando como um espaço contemporâneo de trocas simbólicas a partir da música, da poesia, das cantorias de viola e da comunicação cotidiana.

Figura 5 - Cantadores de Viola no Meio da Feira



Fonte: Eduardo Pazera Junior

Figura 6 - Vendedores de Cordel Recitando as Estórias



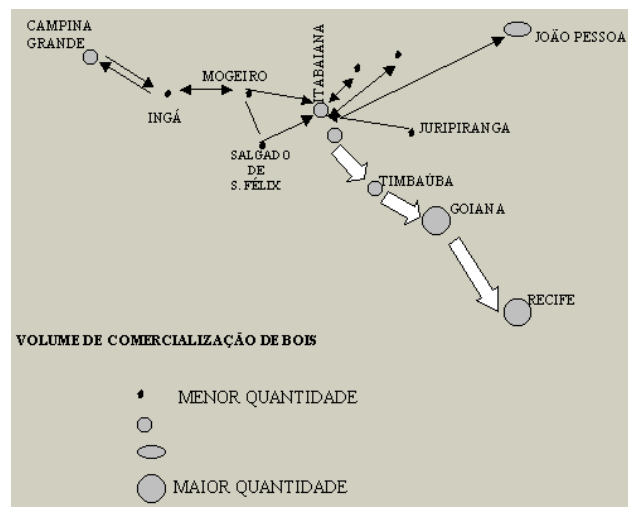
Fonte: Eduardo Pazera Junior

Conforme salientamos acima, além da feira de gado (que deu origem as outras feiras), outro fato foi determinante para o desenvolvimento da cidade, a chegada do trem. Como todas as cidades do interior nordestino, Itabaiana na Paraíba também enfrentava problemas de acesso, sendo possível chegar apenas por transporte animal e carroças.

O governo da província, em 1871, autorizou a empresa Conde D'Eu a construir e explorar a atividade férrea no trecho Capital-Alagoa Grande (PB). Foram verificados problemas de ordem técnica e financeira nesta operação, que limitaram e atrasaram o final da obra. Foram terminados em 1884 o trecho Capital-Mulungu e as ramificações Pilar e Guarabira. Após muitas reivindicações, em 1889 foi terminada e entregue o acesso ao porto de Cabedelo.

Só em 1889 foi contratada a empresa Recife-Limoeiro Railway que se incumbiu de terminar o trecho entre Pilar (PB) e Timbaúba (PE), trecho este que incluía a cidade de Itabaiana – PB, tendo sua inauguração em 1901. Apesar da linha beneficiar de forma expressiva o estado pernambucano, Itabaiana – PB favoreceu-se nos negócios, sobretudo a feira de gado, pois a partir de então passou a ser ligada aos grandes centros urbanos, como Recife, Natal, João Pessoa e outras cidades do sertão paraibano (PALHANO, 2014; STIEL, 1984).

Figura 7 - Esquema da Rota dos Trens na Região



Fonte: Eduardo Pazera Júnior

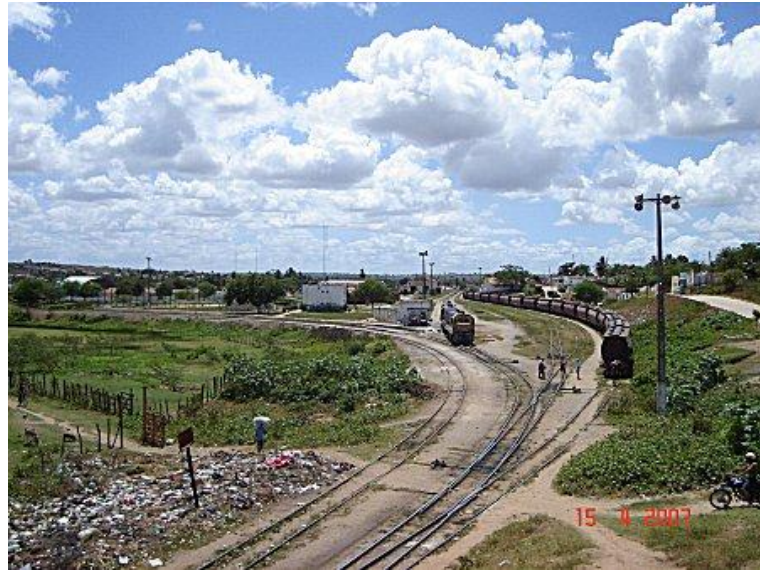
Como mostra a figura acima, a estação ferroviária da cidade era do tipo triângulo, local onde os trens podiam fazer as manobras e retornar, ou tomar outras linhas, configurando-a como um centro das grandes rotas na região. Isto refletiu-se na decisão sobre de onde partiria a linha com destino a Campina Grande, de Alagoa Grande ou de Itabaiana, ficando decidido pela segunda. Em 1907, com a abertura deste ramal, a cidade passou a figurar como rota de escoamento das produções agrícolas e agropecuárias do sertão paraibano (PAZERA JÚNIOR, 2003).

Figura 8 - Trem Parado na Estação em Itabaiana em 1950



Fonte: Associação Cultural Memória Viva

Figura 9 - Triângulo na Estação Ferroviária da Cidade



Fonte: Pesquisa Direta

O trem e a feira de gado formam os pilares do desenvolvimento que ocorreu em Itabaiana – PB, influenciando de forma decisiva na sociedade, na economia e na política local.

No mesmo ano da chegada do trem foi instalado na cidade o Curtume Santo Antônio, considerado a maior indústria de couro na Paraíba. Sua estrutura era de grandes proporções e em pouco tempo despontava como exportadora do produto para os mercados da América Latina. A partir da sua instalação, surge uma comunidade a seu redor povoada principalmente pelos operários da fábrica, ajudando assim no crescimento da cidade.

Figura 10 - Casas Construídas nos Arredores do Curtume



Fonte: Associação Cultural Memória Viva

O curtume logo se expandiu e tornou-se fornecedor a todos os estados brasileiros, sendo um de seus principais clientes a Fábrica de Calçados Rocha, localizada em São Paulo. No decorrer da Primeira Guerra, com os problemas enfrentados pelas indústrias da Europa, o curtume logo se encarregou de investir e se tornar fornecedor destes mercados (PALHANO, 2010).

Em função deste crescimento, a cidade de Itabaiana – PB ganha a instalação dos trilhos para bondes puxados por tração animal, mais conhecidos como Bonde de Burro, que mais tarde serviriam para instalação dos bondes elétricos. Para situar a importância deste acontecimento, foram 85 cidades brasileiras a ter este tipo de transporte, sendo Itabaiana – PB a 4ª do nordeste a ser implantada e a 23ª no Brasil, sendo contemplada antes da capital (25ª), Maceió (31ª), Natal (33ª) e Recife (45ª) (STIEL, 1984). Esta linha fazia o trajeto entre o Curtume Santo Antônio e a Estação Ferroviária, cortando a cidade de um lado a outro, passando pelo seu centro.

Também merece destaque, um acontecido ligado a instalação do curtume na cidade que, quando das escavações do alicerce para construção das casas dos operários, encontraram ossadas humanas enterradas em potes de barro. Após os devidos estudos, verificou tratar-se de um cemitério indígena, das tribos que ocupavam a área na época do descobrimento. O Patrimônio Histórico Estadual, em 1910, dignou-se a catalogar e tomba todo o material encontrado.

Itabaiana – PB também destacou-se no cenário estadual, quiçá no nacional, pelas seus acontecimentos históricos e culturais. Dentre eles, um dos mais importantes foi a Batalha do Riacho das Pedras ocorrida em 24 de maio de 1824, com cerca de três mil homens, onde as tropas legalistas enfrentaram os revolucionários da Confederação do Equador⁵.

Em comemoração a esta data, e com intuito de restaurar as árvores que foram ceifadas para construção do calçamento, em 1905 foi instituída a Festa das Árvores. A cada 24 de maio o poder municipal realizava uma festividade, dotada de todo um cerimonial, e se deslocava a um local da cidade, para junto a população fazer plantações de árvores, onde cada uma delas representava um revolucionário que lutou na batalha.

⁵ A Confederação do Equador foi um movimento revolucionário e republicano, de caráter separatista, nascido na Província de Pernambuco, como forma de contestar o absolutismo e o poder centralizador de D. Pedro I.

Figura 11 - Placa em homenagem aos revolucionários da Batalha do Açude das Pedras. Esta placa já foi furtada várias vezes, sendo necessária a sua substituição



Fonte: Pesquisa Direta

Figura 12 – Vice-Prefeito José Bandeira no Plantio da Festa das Árvores em 1916



Fonte: Associação Cultural Memória Viva

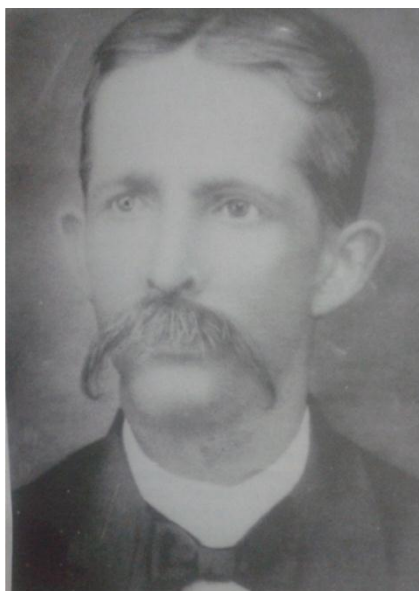
Logo a ideia ambiental de Itabaiana – PB foi copiada, servindo de exemplo para outros estados como Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná e Alagoas.

Palhano (2014) verificou este destaque ao resgatar reportagens da época no Jornal A União, que davam conta que as maiores autoridades do Estado, com seus familiares, se deslocavam de trem para participar da festividade local. Em 1914, registrou-se a presença de José Américo de Almeida para proferir uma palestra sobre o tema da festa, a árvore.

Outro acontecimento histórico que marca o pioneirismo e importância da cidade é a chegada da luz elétrica. Estima-se que seis dias antes da capital, em 09 de março de 1912, inaugura-se a primeira iluminação pública por luz elétrica no Estado da Paraíba, na cidade de Itabaiana – PB. O Senhor Francisco Sótter de Figueiredo Castro, serralheiro do Estado de

Pernambuco foi 1º empresário a obter autorização para explorar o serviço no Estado, sendo beneficiado no Governo Castro Pinto com isenção de impostos⁶ (CERQUEIRA PAES, 1994).

Figura 13 - Francisco Sótter de Figueiredo (1912)



Fonte: Maia (2015)

Segundo Maia (2015), foi pelas mãos de Sótter que Itabaiana – PB também teve um sistema de telefonia e cinema, estes também, primeiros no Estado. Entre 1909 e 1912 ele operou um sistema precário e incipiente de telefonia, quando em 1912 o abandonou dedicando-se apenas a luz elétrica e ao cinema. Este último foi fundado em 1910, tornando-se um dos grandes atrativos da cidade, inclusive dos estudantes da capital que em suas férias se dirigiam a cidade para assisti-lo. Com o passar do tempo Sótter se desfez de todos os seus empreendimentos, ficando apenas com o cinema, que mesmo após sua morte continuou sendo tocado por sua esposa, D. Amália, que fazia a trilha sonora dos filmes em seu piano.

Paralelo a estes fatos históricos, o segmento religioso também foi cenário de diversos acontecimentos que contribuíram para o crescimento e desenvolvimento da cidade. Com a chegada da missão dos jesuítas, foi erguida uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição. Ao redor dela belos jardins foram plantados, seguindo a vocação da cidade como lugar arborizado e de bom ar, e em seus fundos foi construído o cemitério, que nesta época era de responsabilidade da comunidade eclesiástica.

⁶ Isento dos impostos pelo Decreto 658 de 09 de agosto de 1913.

Em frente a esta capela havia um largo que, durante muito tempo, foi o local destinado a realização das missas campais, dos eventos festivos (religiosos e profanos) e dos eventos e cerimoniais políticos da época.

Porém, na década de 1900, com o crescimento da localidade, foi conduzida a construção de uma Igreja Matriz, inaugurada em 1903, que passou a se chamar Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Com isto, a antiga capela passa a se chamar Capela de Santo Antônio.

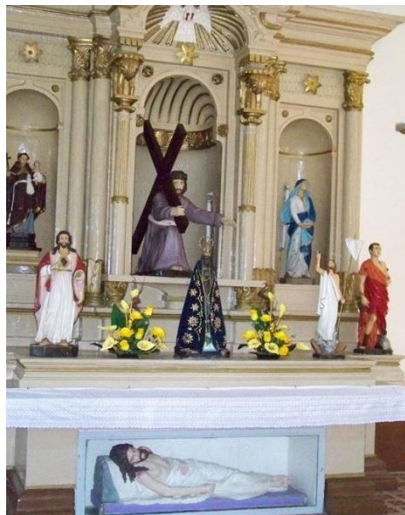
Figura 14 - Matriz de Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Pesquisa Direta

A estrutura arquitetônica da Igreja permanece a mesma até hoje. Em seu interior, ainda estão expostos as imagens do Senhor dos Passos e Nosso Senhor Morto que são as mesmas de 1903, quando da sua fundação.

Figura 15 - Imagens de Nosso Senhor Morto e Senhor dos Passos



Fonte: Pesquisa Direta

Esta Capela de Santo Antônio continuou em seu lugar até os idos de 1918, quando na gestão do prefeito Odilon Maroja foi demolida, sob o pretexto de ampliar os jardins existentes ao seu redor, sendo utilizado o seu material na construção da sede do Governo Municipal.

Figura 16 - Foto da Antiga Capela Santo Antônio



Fonte: Associação Cultural Memória Viva

Figura 17 - Antigo Paço Municipal



Fonte: Associação Cultural Memória Viva

Figura 18 - Antigo Paço Municipal onde hoje funciona a Câmara Municipal



Fonte: Pesquisa Direta

Como forma de reparar a demolição da capela, os proprietários do curtume e seus familiares, que eram muito religiosos, resolveram construir nos arredores da indústria uma capela particular em homenagem a Santo Antônio⁷.

Em complemento ao jardim que ficava próximo a antiga Capela de Santo Antônio construiu-se um coreto importado da Europa, que levou seis meses para ficar pronto, sendo inaugurado em 24 de maio de 1914. Sua instalação reforçou ainda mais a vocação do local como ponto cultural da cidade, onde aconteciam as apresentações de retretas, lapinhas, pastoris, espetáculos, peças de teatro, cultos religiosos e discursos políticos. Palhano (2010) destaca os discursos de Epitácio Pessoa e Café Filho nas suas campanhas presidenciais.

Figura 19 - Coreto na Época da Festa das Árvores



Fonte: Associação Cultural Memória Viva

São tantos os movimentos e acontecimentos que envolvem a história da cidade de Itabaiana – PB, que no corpo deste trabalho não caberia; nem é nosso propósito aqui. Por isso, passamos a destacar as festividades que levaram a cidade a um local de destaque no cenário estadual.

2.2 Os Festejos e seu Capital Simbólico

O carnaval é o festejo mais tradicional de Itabaiana – PB, tendo início um final de semana antes da data, com o bloco de Zé Pereira⁸. Pela tradição da festa na cidade, os grupos

⁷ Não foi possível resgatar fotos do Curtume, tão pouco da referida capela, que hoje já não existem mais, havendo no local apenas um terreno vazio.

⁸ Festejos carnavalescos de origem portuguesa no Século XIX. Trata-se de festas e romarias do Norte português, sobretudo na região do Entre Duro e Minho, com desfiles de grupos que iam pelas ruas tocando instrumentos de percussão, que depois foram associados a pífanos e gaitas de fole. No Brasil, contam alguns historiadores, que o festejo foi introduzido pelo Rio de

mais tradicionais – Nô Cego, Os Quebrados, Bloco da Saudade, Virgens, Bloco do Pirão, Quengas do Pato, as Escolas de Samba, os Índios, Ursos e Bois – saem da Rua 13 de Maio em desfile até o antigo posto fiscal, no largo da Igreja Matriz, para receber o Zé Pereira.

A marca da festa é um boneco com a cabeça gigante, que com o passar do tempo se fez acompanhar das figuras de Maria Pereira (Sua Esposa) e Pereirinha (Seu Filho). A tradição de colocar este bloco na rua vem sendo mantido à décadas pela família de Dona Mocinha, mais conhecida como Mocinha de Nicó.

Figura 20 - Zé Pereira e Sua Família nos Desfiles (1990)



Fonte: Associação Cultural Memória Viva

Figura 21 - Zé Pereira e Maria Pereira com Mocinha de Nicó



Fonte: Pesquisa Direta

Os músicos que acompanham o cortejo de Zé Pereira, assim como os das Escolas de Samba, faziam a trilha sonora ao som de seus surdos e batuques, tocando as velhas

Janeiro, através de um comerciante português que ali se instalou. Logo a festividade ganhou aspectos locais, sendo chamado de Zé Pereira qualquer ato carnavalesco acompanhado de percussões e tambores (MORAES, 1987).

marchinhas de carnaval. Os desfiles das escolas de samba, ursos, bois e índios, ainda eram mais fervorosos devido as disputas que entre eles havia.

Eles ensaiavam durante meses e se empenhavam na confecção de suas fantasias, para desfrutarem dos olhares atentos do público que assistiam as suas exibições. Importante destacar, que a qualidade destes desfiles levavam os grupos da cidade a viagens em cidades circunvizinhas, para lá repetirem suas apresentações.

Figura 22 - Bateria A Bagaceira



Fonte: Associação Cultural Memória Viva

Do sábado de Zé Pereira contam-se oito dias para o início das festividades carnavalescas. As épocas glórias da festividade em Itabaiana – PB foram nas décadas de 1980 e 1990, mesmo os mais idosos garantindo que as décadas anteriores eram ainda melhores. Nas décadas de 1970 e 1980 prevaleceram os antigos carnavais dos clubes, com lança perfume, talco e confetes, regados a música das marchinhas. Os homens com camisas florais e calça social e as mulheres fantasiadas de melindrosas ou Cleópatra.

Figura 23 - Carnaval de 1970 no Itabaiana Clube



Fonte: Associação Cultural Memória Viva

Os bailes mais cobiçados eram o Azul e Branco na AABB - Associação Atlética do Banco do Brasil e o Vermelho e Preto no Itabaiana Clube.

Já na década de 1990, dividiam-se dia e noite os blocos que animavam o carnaval de rua. O Nó Cego tornou-se o modelo de carnaval família, com casais levando seus filhos as ruas, todos vestidos com um macacão padronizado, embalados pelas orquestras de frevo. Assim também era o bloco do Pirão, com uma presença bem menor de crianças e que tinha como marca a distribuição de pirão de braço e rabada acompanhado de cachaça. Estes blocos conduziam a folia diurna.

Figura 24 - Foliões com os macacões do Nó Cego



Fonte: Pesquisa Direta

À noite os festejos ficavam por conta dos blocos Caras, Canibal, Rebeldes, Só Quebrança e Virgens, sendo os dois primeiros os principais, que se revezavam num sobe e desce que ia da frente da Igreja Matriz à Praça Epitácio Pessoa, embalados por trios elétricos animados por bandas de axé. Havia entre estes dois blocos uma grande competição, sendo avaliados na cidade pelo número de pessoas que usavam o abadá, pela animação e por qual agremiação conseguia trazer a melhor atração.

Já o Bloco das Virgens era só irreverência. Com a ousadia, criatividade e liberdade que lhes eram dadas, os homens botavam na rua um bloco cheio de cores, animação e brincadeiras, de uma forma muito saudável e respeitosa.

Outros blocos também deixavam suas contribuições para animação: As Quengas do Pato, Bloco dos Quebrados, Bloco da Saudade, Mistura folia, Presepeiros, Amigos da 13 de Maio e o Concentra mas não sai.

Figura 25 - Foto dos Diretores do Bloco Karas no trio (1995)



Fonte: Acervo do Bloco Karas

Além de todas estas agremiações carnavalescas, ainda passavam pelas ruas as escolas de samba, os ursos e as tribos indígenas, pequenas, mas ainda existentes na localidade.

Figura 26 - Índios desfilando no carnaval de 2016



Fonte: Pesquisa Direta

Para encerrar os festejos, na quarta-feira de cinzas, vão as ruas os foliões do Bloco Stourão. Reúne principalmente os trabalhadores ligados ao gado, que acabaram trabalhando algum dia do carnaval e, para alongar um pouco mais as festas, brincam no dia de cinzas até a hora da missa na Matriz. Os dois símbolos que marcam o bloco são, os foliões utilizando chapéus com chifres de boi, com os quais fazem muitas brincadeiras, e uma réplica de um boi levado no capuz do trio elétrico.

Figura 27 - Foliões com chapéu de boi fazendo brincadeiras



Fonte: Pesquisa Direta

Figura 28 - Boi no capuz do carro



Fonte: Pesquisa Direta

A segunda festa de maior destaque na cidade trata-se da festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição⁹. Nas décadas entre 1950 e 1970 as festas da padroeira conseguiam mobilizar a sociedade local quase que numa unanimidade. A cidade sempre foi

⁹ Comemorada em 08 de dezembro, mesma data de Iemanjá para o Candomblé.

majoritariamente de fiéis católicos¹⁰, que já a partir do mês de novembro se engajavam nas preparações dos festejos.

A partir de 15 de novembro chegava a cidade o parque de maior destaque, o Parque Maia. Trazia consigo a sua roda gigante, carrossel, canoas, ondas, e a tão esperada rádio romântica, que embalava os apaixonados da época com um serviço de locução que oferecia as músicas junto a uma mensagem de amor com endereço certo, o coração dos amados.

O Parque Maia também realizava o concurso de beleza “Garota do Parque”, que seguia uma dinâmica; as garotas se candidatavam e através da venda de votos (tijolinhos de papel com seu nome), realizava-se a campanha. Ao final da festa, os votos eram contados, sendo apresentada a garota que representaria o parque. Todo o apurado com a venda dos votos era revertida às obras da paróquia.

Orlando (2010) não nos deixa esquecer, que também estava presente na festa o Parque do Sr. Arcoverde. Um pouco menos pomposo que o anterior, mas dispunha de canoas, carrosséis menores, pesca de peixinhos e outros atrativos para as crianças. Ele também nos fala do famoso carrossel do Sr. Posidônio.

O cenário da festa nos remete a um padrão quase unânime nas cidades do interior do nordeste. Nas laterais da Igreja eram montadas as barracas de brincadeiras, bingos, pescarias, tiro ao alvo, bazares, vendas de bolas, além das barracas de guloseimas como, cachorro quente, maçã do amor, bolos, tapiocas, mungunzás e outras sabores gastronômicos locais.

Havia algumas barracas que se especializavam para a festa, como uma chamada “A Bagaceira”, que vendia cachaças para uma freguesia certa, que as degustava acompanhadas de frutas (PAIVA, 2001). Outra que foi lembrada por Orlando (2010), era uma especializada na venda de uma pequena caixinha com passas, segundo ele adorada por muitos.

A grande atração da festa era o pavilhão central. Montado a frente da igreja, era lugar de destaque para os grandes fazendeiros, empresários, autoridades e socialites. Neste espaço havia uma interessante competição. O pavilhão era dividido em dois partidos, que a cada ano eram representados por uma figura diferente, por exemplo, loiras versus morenas, azul versus vermelho, entre outros; com a simples missão de convencer os frequentadores a consumir as bebidas e comidas servidas por um lado, ou pelo outro.

Além do consumo no pavilhão, os partidos promoviam leilões de cabras, bodes, bezerros, cavalos, roupas e tudo mais que fossem doados para tal. Tudo isso com o intuito de angariar fundos para a paróquia. Enquanto os abastados da cidade gastavam para ajudar os

¹⁰ Chega a mais de 80% dos habitantes segundo a PNAD – Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio, realizada pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no ano de 2010.

seus partidos a vencerem a competição, o povo acompanhava tudo torcendo pela vitória do partido que mais lhe encantava.

Segundo Orlando (2010), todo o brilhantismo da festa era registrado pelo impresso *Gafanhoto* que circulava durante a festa e ao seu final, sendo de leitura requisitada e obrigatória.

Nos dias atuais, as comemorações da padroeira iniciam-se com a novena realizada nas casas dos devotos das comunidades e na Matriz. Há também a tradicional procissão, que ocorre no dia 8 de dezembro, data festiva da santa, que se encerra no largo da igreja, onde está montado um grande palco para a realização de uma missa campal.

Figura 29 - Missa Campal na festa de Nossa Senhora da Conceição (2014)



Fonte: Pesquisa Direta

Ao final das celebrações religiosas, ocorrem shows neste mesmo palco e há venda de comidas e bebidas em barracas armadas ao longo das laterais do largo. No lado esquerdo da igreja monta-se o que seria o antigo pavilhão central, não mais do mesmo tamanho, nem com as competições, mas com bazares de itens diversos e comidas feitas pelos fiéis para colaborar com a arrecadação de fundos para igreja.

Ainda há montagem de um parque, com barcas, pula-pula, bate-bate, carrosséis e a comercialização de pequenos brinquedos e bolas, porém não mais como nos tempos idos.

Fechando aqui esta apresentação memorialista dos principais acontecimentos históricos e festividade da cidade de Itabaiana – PB, passamos a situa-la na atualidade, nos aspectos geográficos, demográficos, políticos e econômicos.

2.3 Notas sobre o Espaço, Política e Economia de Itabaiana – PB

Localizada as margens do Rio Paraíba, a cidade faz parte da mesorregião do Agreste paraibano, tendo uma área total de 219 km², distante 81 km da Capital. É sede da microrregião de Itabaiana e da 12^a região Geoeconômica da Paraíba, produzindo junto com outros 15 municípios um PIB – Produto Interno Bruto de 992 milhões, sendo a 5^a maior região das 14 que compõe o Estado.

Em 21 de janeiro de 2013 a cidade foi agraciada com a aprovação da Lei Complementar nº 118, de autoria do Deputado João Gonçalves, que institui a Região Metropolitana de Itabaiana – PB, composta pelos municípios de: Juarez Távora, Juripiranga, Gurinhém, Salgado de São Felix, Mogeiro, São Jose dos Ramos, São Miguel de Taipu, Pilar, Caldas Brandão, Ingá e Riachão do Bacamarte.

O Ministério da Integração Nacional considerou a cidade como parte do semiárido brasileiro, levando em consideração características como índice de chuvas, aridez e riscos de seca. Com esta classificação, o Rio Paraíba, que se constitui numa fonte para as culturas agrícolas e para as criações de animais, além de possuir um potencial para o turismo e a recreação, foi incluído no projeto de transposição do Rio São Francisco. Isto fortalecerá as vocações do Rio Paraíba que hoje vive de cheias devastadoras a secas desoladoras.

Ainda fazem parte da cidade dois distritos, o de Campo Grande e o de Guarita. Estes dois distritos também são elementos das histórias e do patrimônio imaterial da cidade. O primeiro é onde nasceu e mora a família do Mestre Sivuca¹¹; o segundo é onde se localiza a famosa Ponte de Guarita, que carrega os saudosos trilhos do trem, levando-os de uma margem a outra do Rio Paraíba.

Hoje a população da cidade tem cerca de 25.000 habitantes, dos quais 51% são homens e 49% são mulheres. Nos dias de feira o número de pessoas circulando na cidade chega a 35.000. É considerado um município jovem, pois tem a base da sua pirâmide etária larga, sobretudo na faixa etária dos 10 aos 19 anos, o que fez a cidade experimentar uma queda no número de habitantes nos últimos 10 anos, devido a falta de oportunidades de emprego e de educação superior, que leva os jovens e iniciantes na fase adulta a buscar oportunidades em outras regiões do Estado. Deste total de habitantes 80% deles são eleitores formando o 20º maior colégio eleitoral do Estado (IBGE, 2016). Na divisão das práticas

¹¹ Grande ícone da música, reconhecido internacionalmente por construir as pontes entre a música erudita e a música popular. Foi um dos pioneiros em inserir a sanfona como instrumento nas orquestras.

religiosas, a população é majoritariamente católica¹², mesmo havendo um expressivo crescimento dos evangélicos; chama a atenção o fato de não haver menção aos adeptos dos cultos africanos no levantamento do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas.

Itabaiana – PB figura como a 23ª maior economia da Paraíba, concentrando 82% de suas atividades no Comércio de Bens e Serviços, seguido da Indústria representando 13% e por último a Agropecuária com 4%. A cidade chegou a ter mais de 300 empresas ativas, empregando cerca de 2.100 pessoas, com uma renda média de 1,5 salários mínimos¹³. O Setor secundário de sua economia está ligado a pecuária e as culturas agrícolas (especialmente macaxeira, milho e amendoim).

2.4 Do Cotidiano Social da Cidade

Iniciaremos tratando da educação. A cidade possui 26 estabelecimentos de ensino municipal, 2 estaduais e 2 privados, dentre os quais apenas 2 (1 privado e 1 estadual) oferecem o ensino médio. Não há na cidade instituições de ensino superior, a não ser uma promessa de conclusão das obras do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia – IFPB, motivo de muita expectativa, pois os jovens que desejam ingressar na universidade precisam deixar o seu local para fazê-lo.

Quanto ao acesso a cidade, podemos chegar pela BR 408 (Campina Grande-Recife), pela BR 230-PB 054 (João Pessoa-Café do Vento-Una) ou pela BR 230-PB 082 (João Pessoa-Itabaiana), esta última a mais utilizada. As linhas de transporte intermunicipal que atendem a localidade são: Itapemirim, Progresso e Transnorte, atendendo com viagens a cada hora, sendo a última saída as 19 horas.

A telefonia fixa da cidade é operada apenas pela OI e na móvel há cobertura das operadoras Claro, Tim e recentemente a Vivo. O acesso a internet se dá através da Velox ou das empresas de internet via rádio com inúmeras instabilidades na qualidade do serviço.

Nas comunicações a cidade possui a rádio Itabaiana FM (105,1) retransmissora do Sistema Correio de Comunicação e recebe o sinal da 93,1 FM rádio de Campina Grande. Além destas duas, existe a Rainha FM (87,9) uma rádio de caráter comunitário. De forma local, a cidade recebe já em sinal digital (HDTV) a retransmissão dos canais 7 (TV Correio) e 13 (TV Cabo Branco), ambas com programação gerada em João Pessoa. Porém, a maioria das

¹² Chega a mais de 80%.

¹³ Estes dados são referentes a uma pesquisa direta realizada em 2003 na Junta Comercial do Estado da Paraíba. Devido a políticas internas do órgão não foi possível a atualização destes dados.

casas faz uso de antenas parabólicas que transmitem majoritariamente programação nacional e do eixo Rio-São Paulo.

Ao chegar a Itabaiana – PB o visitante encontra três opções para hospedar-se: o Hotel Leiliane, o Hotel Estação Velha e a Pousada Rainha do Vale, todos com estrutura simples, mas nos padrões semelhantes a outras cidades de interior.

Figura 30 – Hotel Estação Velha (Antiga Estação Ferroviária da cidade)



Fonte: Pesquisa Direta

O segmento de bares e restaurantes é limitado para uma cidade que tem um potencial turístico como Itabaiana – PB, onde podemos citar apenas três locais que gozam de algum reconhecimento na cidade e servem de referência para os visitantes, são eles: O Carneiro, que serve comida regional; Finesse Grill, churrascaria e pratos a *La Carte*; e Cantina do João, pizzeria e lanchonete. Além destes, podemos encontrar na cidade uma série de barzinhos, lanchonetes, barracas e fiteiros espalhados por todos os bairros, com um perfil mais popular e para todos os gostos.

Há cinco espaços para realização de eventos na cidade:

- 1) Itabaiana Clube – o mais antigo da cidade, com capacidade para 1.500 pessoas;
- 2) AABB – espaço menor, com capacidade para 300 pessoas, muito utilizado para recepção de casamentos e eventos da igreja;
- 3) Finesse Grill – restaurante que também funciona como casa de show. Atualmente tem sido o mais requisitado para festas e eventos de médio porte;

- 4) Praça Epitácio Pessoa – local de convivência cotidiana, que tem sido utilizado para realização de feiras, eventos religiosos, eventos institucionais da prefeitura, entre outros. Possui também um café e um memorial dedicado a Sivuca;
- 5) Largo da Matriz – espaço aberto, a frente da igreja matriz, utilizado para eventos públicos e privados que requer uma capacidade maior. Um exemplo recente tem sido a realização de uma das etapas o Forró Fest.

Na área da saúde o município possui um hospital estadual, que atende a demanda local e de mais 11 cidades circunvizinhas. O hospital filantrópico municipal foi fechado por falta de verbas para a sua manutenção. Há também o sistema de saúde da família, com diversas UBS – Unidades Básicas de Saúde que constantemente sofrem com falta de infraestrutura, além do Centro de Especialidades Odontológicas funcionando de forma precária. O SAMU – Serviço de Atendimento Móvel de Urgência opera com duas ambulâncias que servem também as cidades circunvizinhas não sendo suficiente para atender a demanda.

Em termos de segurança pública, o município é sede do 8º Batalhão de Polícia Militar, dispõe de uma delegacia e da cadeia pública. O atendimento dos bombeiros é feito pelo 3º com sede na cidade de Guarabira.

No mais, as opções de lazer da cidade são muito limitadas. Não há mais teatro, nem cinema, nem shopping. O que prevalece cotidianamente são as idas aos cultos religiosos, os lanches e os passeios na praça.

2.5 A Cultura Popular e o Patrimônio Histórico

No domínio da cultura¹⁴, a cidade se destaca na atualidade por duas linhas, o patrimônio histórico e os seus filhos ilustres. A primeira delas tem enfrentado diversos desafios para preservação. Poucas são as pessoas que entendem o valor dos locais e prédios históricos de Itabaiana – PB e os interesses políticos e econômicos, na maioria das vezes, se sobressaem aos interesses da sociedade para manutenção deste patrimônio material.

Dois exemplos recentes ilustram o que estamos tratando. Recentemente, o proprietário de um prédio chamado *Gruta Azul* resolveu demoli-lo para uma construção moderna em seu lugar. O local tem mais de 100 anos e faz parte da história da cidade, estando estabelecido

¹⁴ Não nos cabe neste trabalho discutir a polissemia do termo Cultura, porém é necessário deixar evidente que em todos os momentos que nos referirmos ao termo, estaremos nos alinhando aos pressupostos teóricos da Cultura Popular, que na lição de Caldas (1986, p.69) “[...] pode entender-se como aquela parte da cultura produzida pelo povo e para o próprio povo”.

onde acontecia a já citada Feira do Bacurau. Ponto de encontro de várias gerações servia a comunidade como referência para as suas histórias.

Figura 31 - Gruta Azul pouco antes de sua demolição em 2016



Fonte: Pesquisa Direta

O segundo exemplo trata-se do prédio onde funcionou o Instituto Nossa Senhora do Carmo, organização educacional que José Lins do Rego estudou em regime de internato. O livro *Doidinho*, de autoria do mesmo, conta a sua história enquanto estudante e morador da cidade de Itabaiana – PB, servindo como um documento memorialista das pessoas e acontecimentos da época. O Ponto de Cultura Cantiga de Ninar¹⁵ teve este local como sua sede entre os anos de 2011 e 2015, quando foi notificada pelo proprietário do prédio pedindo a sua desocupação para fins de reforma. A sua estrutura interna foi toda demolida, permanecendo apenas o seu frontispício.

Figura 32 - Foto do prédio onde funcionou Instituto Nossa Senhora do Carmo



Fonte: Pesquisa Direta

¹⁵ Único ponto de cultura da cidade, que atua na missão de envolver jovens e adolescentes no processo de resgate e produção de cultura popular,

Já a segunda linha que fortalece a cultura da cidade está ligada a produção artístico-cultural dos filhos ilustres e daqueles que escolheram Itabaiana – PB como sua terra. Vários são os nomes reconhecidos nacional e internacionalmente pelas suas produções e ofícios, levando o nome da cidade por onde vão. Apresentamos no quadro abaixo alguns dos mais destacados na atualidade:

Quadro 1 – Apresentação de alguns filhos da cidade de Itabaiana – PB

Filhos da Terra	Trabalho pelo qual é reconhecido
Adeildo Vieira	Músico e compositor reconhecido pelas letras de luta e representatividade das culturas populares.
Biu da Rabeca	Um dos maiores músicos populares do Estado. Hoje seus filhos e netos continuam seu legado na música.
Damião Ramos Cavalcanti *	Professor Universitário; ajudou na criação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB em Guarabira, do Unipê e da Fesp em João Pessoa; Atualmente é escritor e membro da APL – Academia Paraibana de Letras.
Fábio Mozart *	Radiotelegrafista, jornalista, poeta, radialista e escritor. Sua maior contribuição atual está em defesa da cultura popular e do movimento de rádios comunitárias.
Jessier Quirino	Poeta e arquiteto. Conhecido nacionalmente pelas suas apresentações contando causos que refletem a realidade do interior nordestino.
Luciano Marinho	Empresário da área de gastronomia e eventos, fundou uma associação com a missão de resgatar e manter viva a história da cidade. Desde 2013 assumiu a Secretaria de Cultura de Itabaiana – PB.
Marcus Alves	Jornalista, escritor e técnico do Polo Multimídia da Universidade Federal da Paraíba. Editor de programas da TV Universitária e escritor.
Mestre Zaia *	Inspirado no mestre Vitalino de Caruaru é um dos maiores ceramistas do nordeste. Aperfeiçoou suas técnicas com outros oleiros da cidade. Tem como seus clientes Gilberto Gil, Jó Soares, Alceu Valença, entre outros.

Nevinha da Cerâmica	Inicialmente ficou conhecida por produzir com argila animais pré-históricos inspirados no Vale dos Dinossauros em Sousa – PB. Atualmente conhecida pela produção de cerâmica utilitária, exportada para Europa, com uma coloração preta sem o uso de tinta.
Otto Cavalcanti	Artista Plástico renomado na Europa. Vive atualmente em Barcelona de onde produz suas obras baseadas na realidade brasileira.
Oziel Dias Coutinho	É um escultor. Na oficina, que funciona no quintal de sua casa, ele produz móveis em madeira no estilo <i>vintage</i> . Ficou conhecido nacionalmente com a sua arte de produzir em madeira símbolos do nordeste brasileiro como animais, mulheres se banhando e plantações.
Pingolença	Era um mestre “ <i>faz tudo</i> ” da cidade. Mecânico, pintor, desenhista, mestre de obras, artista circense. Fundou o Grande Circo Central onde atuava como mágico, trapezista, palhaço e etc.
Romualdo Palhano *	Professor Universitário e teatrólogo. Escreveu livros sobre a cidade e tem uma forte ligação com a cultura local, sobretudo no teatro.
Sander Lee	É poeta e cordelista, arte pela qual é reconhecido. Também atuou em um grupo de teatro local.
Sivuca	Pioneiro na ligação entre a música erudita e música popular. Tinha como instrumento principal a sanfona, sendo reconhecido nacional e internacionalmente.
Socorro Costa	Jornalista e Poeta. Foi a editora do Jornal <i>O Gafanhoto</i> que circulava na festa da padroeira.
Tenente Lucena	Reformado do Exército e músico de sopro; foi fundador de corais infantis e de abrigos para menores carentes; fundador da Orquestra Sinfônica da Paraíba. Folclorista reconhecido nacionalmente pela defesa da cultura popular paraibana.
Thiago Alves	Poeta e Pintor. Radicado fora do país, tem sido reconhecido por seus livros e pinturas.

Vladimir de Carvalho	Cineasta e documentarista respeitado internacionalmente. Junto com Glauber Rocha representou o cinema novo. Foi um dos ícones da resistência a ditadura militar de 64. Sua principal obra é <i>Cabra Marcado para Morrer</i> .
Vital Alves	Exímio violonista e compositor, reconhecido pelo seu envolvimento em projetos culturais ligados a música.
Zé da Luz	Uma das maiores expressões da cultura popular local. Sua poesia é conhecida e declamada em cada esquina da cidade. As obras escritas com seus poemas são todas feitas por terceiros. Sua poesia é puramente matuta.
Zuza Ferreira	Foi um dos mentores de Zé da Luz. Destacou-se em sua época como um animador de carnavais. Foi político e chegou a administrar cidades como Araruna e Guarabira. Reconhecido defensor dos movimentos sociais e culturais nos governos militares. Deixou uma obra de cerca de seis livros.

Fonte: Pesquisa Direta

* Não são nascidos na cidade de Itabaiana – PB, mas a escolheram e possui alguma ligação com a cidade.

Esta é apenas uma parte do vasto quadro de nomes que a cidade de Itabaiana – PB possui; cada um deles com uma história, com um caminho e uma militância pela cultura popular. Isto tornou o nosso esforço de busca pelos nomes que comporiam o *corpus* do estudo num trabalho árduo.

Com base nas ações atuais e nas lutas que travam pela conservação e continuação do patrimônio histórico-cultural da cidade, e pela representatividade que seus ofícios possuem, escolhemos como *corpus* da pesquisa os nomes de Fábio Mozart e Jessier Quirino.

A seguir, iremos detalhar o caminhar metodológico da pesquisa, além da vida, obra e militância que cada um destes dois Artistas exerce em função da cidade e de seus cidadãos, sobretudo com a missão de fomentar o Desenvolvimento Local.

3 PERCUSSO METODOLÓGICO

Encontrar os caminhos, ferramentas, métodos e tipos de análise adequados as pesquisas em Folkcomunicação tornou-se um dos grandes desafios para aqueles que decidem enveredar por este caminho. Na lição de Schmidt (2011, p.126), ao buscarmos esta vertente de investigação “[...] adotamos uma postura de trabalho que irá diferenciar-nos de muitos outros pesquisadores”. E complementa que:

Dentro do campo da Comunicação, a folkcomunicação faz uma adoção de objetos de estudo pertencentes a grupos que estão nas bordas dos grandes processos comunicacionais; de acordo com Beltrão, os grupos marginalizados dos grandes espaços de comunicação, os meios de comunicação de massa (SCHMIDT, 2011, p.126).

Por isso, ao escolhermos esta perspectiva de estudo, seguimos os passos de Beltrão (2014) nos ensinamentos que junto ao povo é o melhor lugar para se buscar informações. Nas conversas no meio da feira, nos bate-papos nas calçadas no fim da tarde, nas cantorias de viola, no contar de histórias do caixeiro-viajante¹⁶, nas prosas ao final da missa, nos programas das rádios alternativas de poste, foi que encontramos grande parte dos dados que compõe o escopo desta pesquisa.

Portanto, nos posicionamos nesta pesquisa numa abordagem qualitativa por ser a mais indicada nos estudos que envolvem as ciências sociais aplicadas, sobretudo naqueles que visam a compreensão de acontecimentos envolvendo os atores sociais em suas relações. Quanto ao método optamos pelo estudo de caso por permitir a análise de pequenos grupos ou indivíduos dentro de seus contextos, visando entender determinados fatos. O estudo de caso parte do princípio que a análise aprofundada de determinado fenômeno torna-o representativo para casos semelhantes (LAKATOS E MARCONI, 2010).

Assim, para instruir nosso caminhar investigativo, dividimos os esforços em quatro etapas. Duas delas foram de buscas teóricas e documentais e as outras duas contemplaram vivências de trocas simbólicas junto aos cidadãos da cidade, momento de muito aprendizado e troca de informações.

¹⁶ Hoje conhecidos no interior nordestino como prestamistas. Pessoas que vão de casa em casa, oferecendo seus produtos, com um caderno a tiracolo, onde são feitas as anotações das compras e das cobranças.

Quadro 2 - Etapas da Pesquisa

Etapa 1	Documentação	Informações históricas, curiosidades, destaques e notícias sobre a cidade e sobre os artistas estudados; levantamento teórico sobre as categorias.
Etapa 2	Experiência de Campo	Momento de observação geral sobre os aspectos do problema proposto; também observamos as dinâmicas das vivências dos artistas envolvidos com o tema.
Etapa 3	Observação	Ampliação da etapa anterior, onde captamos cheiros, sabores, sons, falas, modo de vida, de pensar, de agir, de se relacionar, buscando uma visão para além do que estava dito.
Etapa 4	Análise dos Dados	Esta fase foi dedicada a uma análise qualitativa, aberta, de exploração dos sentidos, onde o pesquisador imergiu nos dados como quem revive uma história e buscou tecer de forma isenta, porém nem sempre impessoal, o relatório das respostas buscadas no problema e nos objetivos.

Fonte: Pesquisa Direta

Na primeira etapa, recorreremos aos livros, artigos, dissertações, revistas e jornais, além de documentos históricos, com a finalidade de compor os pressupostos teóricos do estudo. Verificamos conceitos e teorias sobre Cultura Popular, Ativismo, Folkcomunicação, Desenvolvimento Local e Economia Criativa, sendo estes três últimos o tripé deste trabalho.

Ainda nesta etapa, buscamos os livros que tratam da história da cidade, ou que fazem menção a momentos históricos que a envolvem. Procuramos por personagens, cenas, histórias, acontecimentos, casos, festejos, contos e tudo mais que enriquecesse o contar da importância que Itabaiana – PB possui.

No segundo momento fizemos visitas a feira da cidade, que acontece às terças-feiras, observando de forma exploratória e incipiente o movimento. Encontramos as rodas de conversas e histórias, os cantadores de viola, os vendedores de artesanato, o stand de troca de livros, as mulheres comprando os mais diversos itens para o lar, o encontrar das pessoas para

colocar os assuntos em dia, as rodas de bar para comemorar os negócios fechados; um verdadeiro emaranhado de vivências e informações.

Deste apanhado exploratório, identificamos diversos atores que apresentaram destaque em suas ações pela cultura popular, pelo avanço da cidade e que gozam de algum reconhecimento pelos cidadãos locais. No momento da escolha de quais deles fariam parte do *corpus* do estudo, foi determinante a presença de três características, quais sejam, ter suas ações ligadas à cultura popular; gerar algum tipo de Capital¹⁷, por meio de suas ações; e contribuir de alguma forma para a modificação das condições de vida da comunidade em que atuam, tendo a feitura disto como resultados de suas práticas.

Assim, chegamos aos Artivista listados no quadro abaixo, que terão suas vidas e obras detalhadas na subseção a seguir:

Quadro 3 - Atores Sociais x Ofícios x Taxionomias

Nome	Idade	Profissão	Taxionomia Folk*	Taxionomia EC*
Fábio Mozart	61	Jornalista	Cinética e Visual	Expressões Culturais
Jessier Quirino	62	Poeta Matuto	Oral e Cinética	Artes Cênicas

Fonte: Pesquisa Direta

* As divisões dos gêneros folkcomunicaçãois e da Economia Criativa serão detalhados na seção teórica do trabalho.

Com a escolha do *corpus* da pesquisa, nos empenhamos na terceira etapa com a observação direta e participante, que no ensinamento de Demo (2008) é o momento propício para nos aproximarmos e fazermos descobertas sobre o fenômeno estudado. Observamos de forma sistêmica, durante três meses, como cada um dos Artivistas desenvolvia seu trabalho, qual a visibilidade que eles tinham, que tipos de pautas eles agendavam em seus discursos/ações e qual o nível de interação que eles tinham com a comunidade. Estas observações foram registradas em diários de pesquisas.

Num segundo momento, realizamos entrevistas, através de roteiros semiestruturados para direcionarmos as conversas aos nossos objetivos, mas sem nos privarmos de acrescentar outras questões que fossem necessárias ao entendimento das motivações, sentidos e objetivos que cada um deles buscava alcançar com seus trabalhos (LAKATOS E MARCONI, 2010). Tentamos também captar o dito e o não-dito nas visões que estes Artivistas têm sobre suas relações e influência na comunidade em que estão inseridos.

¹⁷ Aqui nos referimos aos capitais Social, Humano, Ambiental e Financeiro.

Devido a questão de agenda e por viajar muito o país com seus shows só foi possível entrevistar Jessier Quirino uma única vez. Esta aconteceu em sua residência na cidade de Itabaiana – PB, cenário mais que propício por estarmos rodeados de símbolos nordestinos que compõem a decoração de sua casa. Durante quase uma hora conversamos de forma livre e espontânea, norteados pelo roteiro de entrevista (apêndice 1), sobre seu trabalho e suas convicções acerca do potencial da cidade.

Já com Fábio Mozart nosso contato foi mais próximo e constante. Por diversas vezes nos comunicamos sobre suas atividades e seus ofícios por telefonemas, troca de e-mails, mensagens no chat da rede social Facebook e também com duas oportunidades que pessoalmente trocamos informações, uma delas quando participamos do seu programa radiofônico *Alô Comunidade*.

Ao final desta etapa, percebemos a necessidade de complementar as informações sobre o reconhecimento e a importância destes Artivistas junto a comunidade. Neste momento, desenvolvemos um questionário (apêndice 2), com perguntas fechadas de múltipla escolha, o qual aplicamos junto a um grupo de 20 pessoas na rede social *WhatsApp*. Este grupo foi escolhido por ter como tema principal unir jovens de Itabaiana – PB para discussão de temas relativos a cidade.

Por fim, na quarta etapa dedicamos esforços para construção sintética e qualitativa de uma análise sobre todos os dados coletados. Entre histórias, depoimentos, questionários, declarações espontâneas, observações, participações, fotos e conversas, foi possível a construção de elos, como quem tece uma manta de retalhos, para chegarmos as respostas de “Qual o papel dos Artivistas das redes folkcomunicacionais no processo de (re)construção do desenvolvimento local em Itabaiana – PB?”

Estas respostas ainda nos parecem provisórias, pela novidade do tema e pela necessidade de aprofundamento e ampliação em outras situações possíveis. Porém, são aberturas de novos caminhos para validá-las, refutá-las ou até modificá-las com o passar do tempo e inserção de novos olhares.

Na subseção seguinte apresentaremos os Artivistas que compõem o seio de nossa pesquisa, mostrando os pontos mais importantes de suas vidas e obras.

3.1 Os Artivistas Escolhidos

Aqui faremos uma apresentação dos Artivistas escolhidos para compor a análise do estudo, bem como relacionar as suas atividades com os objetivos propostos. Para a escolha

levou-se em consideração a pergunta de pesquisa que nos propomos a responder, as ligações das atividades desenvolvidas com o propósito do Desenvolvimento Local e as formas de reconhecimento e envolvimento com a comunidade.

3.1.1 Fábio Mozart

Fábio Mozart (60 anos), poeta cordelista, radialista e jornalista. Nascido em Timbaúba – PE, mudou-se para Itabaiana – PB por força de seu trabalho na Rede Ferroviária Brasileira. Lá construiu sua história enquanto poeta, comunicador e ativista cultural. Seu pai foi vereador da cidade nas épocas áureas do município.

Quando se aposentou veio morar na capital onde seus filhos estavam avançando nos estudos. Mesmo não estando mais lá, nunca deixou de conviver com a cidade, principalmente pelos projetos que atua.

No jornalismo colaborou nos Jornais *Timbaúba* (Timbaúba – PE), *Força de Expressão* (Sapé – PB) e *A Folha* (Itabaiana – PB); repórter do jornal *O Norte* na década de 1970; fundou os impressos *Jornal Alvorada* de Itabaiana – PB e *Alquimia do Verbo*; redator de *Umari Notícias* (Mari – PB), *Tribuna de Mogeiro* (Mogeiro – PB), *O Monitor Maçonico* e do boletim informativo do Sindicato dos Ferroviários no Estado da Paraíba, onde foi diretor de imprensa e cultura; atuou na equipe do portal *Conhecendo a Paraíba*; foi tipógrafo na Sociedade Cultural Poeta Zé da Luz (Itabaiana – PB); é editor e colunista dos jornais *Tribuna do Vale* e *Itabaiana Hoje*.

Publicou os seguintes livros: *Lira Desvairada* (1985) e *Pátria Armada* (1998) – poemas, *Democracia no Ar – Histórias de Lutas pela Radiodifusão Comunitária na Paraíba* (2003), *Manoel Xudu, o príncipe dos poetas repentistas* (2006), *História de Itabaiana em Versos e algumas crônicas “reais”* (2007), *A voz de Itabaiana e outras Vozes* (2010), *Artistas de Itabaiana* (2014), *Biu Penca Preta no reino da fuleragem* (2016), *Revista Centenário Zé da Luz* (2004), além de vários cordéis como *Historia de Biu Pacatuba, um herói do povo paraibano*, *A peleja de Fábio Mozart e Sander Lee na feira de Itabaiana* e *Chico Veneno, o ativista que intoxicou a burguesia*.

Ajudou a fundar as rádios: Difusora Nazaré (Itabaiana – PB, 1974), Comunitária Araçá (Mari – PB, 1998), Comunitária Zumbi dos Palmares (João Pessoa – PB, 2002), Comunitária Vale do Paraíba FM (Itabaiana – PB); integrou o setor de jornalismo da Rádio Comunitária Sapé FM; foi coordenador secretário da Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária – ABRAÇO; roteirizou os documentários *Feminino Plural*, que fala sobre a

participação da mulher na radiodifusão comunitária da Paraíba, *Lista de Irene*, que conta a história do grupo de teatro de Itabaiana – PB e *Boi de Menino*.

No teatro, fundou e dirigiu o GETI – Grupo Experimental de Teatro de Itabaiana e o CODRAMA – Coletivo Dramático de Mari; fundou o Teatro Nautilia Mendonça (Itabaiana – PB); escreveu, dirigiu e atuou nas peças *A Peleja de Lampião com o Capeta*¹⁸, *O batalhão das sombras*, *ABC de Zé da Luz*, *o poeta do povão*, *GETI – 10 anos*, *Vozes da Vida e da Morte*, *Mari*, *Araçá e outras Árvores do Paraíso*, *A Federal Tragédia da Novela das Oito*, *Cantiga de Ninar na Rua*¹⁹.

O Ponto de Cultura Cantiga de Ninar faz parte dos projetos da SARVAP – Sociedade dos Amigos da Rainha do Vale do Paraíba, fundada por Fábio Mozart, instituição sem fins lucrativos e reconhecida como de utilidade pública pelo município e pelo Estado. O ponto de cultura tem por missão articular e impulsionar ações sociais e culturais já existentes na comunidade, além de promover novos projetos nestas áreas.

Foram estipuladas como metas da Cantiga de Ninar: (1) fazer conhecer e divulgar a cultura regional, (2) contribuir para valorização e manutenção da cultura de Itabaiana – PB, (3) estimular e formar produtores culturais, (4) prover meios para produção de audiovisuais, teatro, artes plásticas e música, (5) dar infraestrutura e visibilizar os grupos artísticos locais em suas produções, (6) prover e ampliar acesso as novas tecnologias para os participantes dos projetos, (7) desenvolver capital humano para geração de conteúdo, técnica e operação em práticas de rádio comunitária, (8) estimular e fortalecer a economia local através da geração de oportunidades em economia criativa, (9) formar educadores e multiplicadores da cultura popular, e (10) fomentar o turismo cultural e ecológico na região.

São ações já reconhecidas do ponto de cultura, a *Biblioteca Comunitária Jornalista Arnaud Costa*, o *Grupo Experimental de Teatro de Itabaiana – GETI*, o conjunto musical *Ganzá de Ouro*, o *Sarau das Almas*, o *Cineclube Vladimir de Carvalho* e as oficinas de cinema, teatro, dança, música, rádio comunitária, literatura e informática.

¹⁸ Primeiro lugar no concurso *Conheça a Paraíba*.

¹⁹ Premiada pelo UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância, e reconhecida como espetáculo didático pelo Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente da Paraíba; alcançou o recorde de apresentações ininterruptas durante sete anos no Estado da Paraíba.

Figura 33 – Fábio Mozart ao lado deste pesquisador nos estúdios da Rádio Tabajara AM no dia em que dividimos o Programa Alô Comunidade



Fonte: Pesquisa Direta

Em mais de 10 anos de atividades, com a chancela das ideias de Fábio Mozart, a Cantiga de Ninar apresenta como resultados a inauguração do busto do Poeta Zé da Luz, da revista Centenário Zé da Luz e do espetáculo em seu tributo, quando das comemorações de seu centenário; o lançamento de mais de dez livros sobre cultura popular; a implantação do Conselho Municipal de Cultura; o projeto Cantiga de Ninar na Rua que através do teatro debate os problemas ligados a juventude e adolescência, levando o espetáculo a escolas municipais e estaduais da cidade; o Projeto Visita que leva as escolas a produção artístico-cultural dos componentes do ponto de cultura; o projeto Pedra de Toque que visa estimular os jovens para as artes plásticas, sobretudo no artesanato com argila que é vocação da cidade; o Prêmio Zé da Luz, comenda concedida as personalidades que se destacam na preservação da cultura popular nordestina; e o Prêmio Leonilla Almeida, entregue a mulheres que se destacam na luta pelo empoderamento feminino e nas lutas pela cultura popular que envolvem o gênero. Agora em 2016, pela primeira vez foi concedido o prêmio a uma transexual itabaianense pelos seus serviços prestados ao segmento.

Outro projeto atual que conta com os esforços de Fábio Mozart é a ACVP – Academia de Cordel do Vale do Paraíba. A missão da instituição é dar visibilidade aos poetas populares que estão “tradicionalmente excluídos como sujeitos do processo simbólico²⁰.” Em seus planos estão dar andamento ao projeto *Cordel na rádio comunitária* que fará uma série de entrevistas com estes poetas, tendo como produto final um livro com trechos das produções e um DVD com a gravação desta série de entrevistas, além de um conjunto de eventos para expor e lançar a produção destes poetas cordelistas.

²⁰ Palavras do próprio Fábio Mozart

Paralelo a estes projetos, Fábio Mozart trabalha como produtor e âncora dos programas radiofônicos Alô Comunidade e Multimistura. O primeiro, transmitido pela Rádio Tabajara AM, tem como foco debater as questões ligadas ao tema de rádios comunitárias e servir de espaço para promoção das culturas populares. O segundo funciona como uma espécie de mesa redonda, onde os âncoras de forma livre e independente debatem os temas que estão eclodindo no seio da comunidade.

Figura 34 – Este pesquisador recebendo das mãos de Fábio Mozart sua obra que conta a história dos principais nomes/lideranças de Itabaiana – PB



Fonte: Pesquisa Direta

3.1.2 Jessier Quirino

O segundo Artivista é Jessier Quirino (62 anos) que nasceu em Campina Grande – PB, quarto filho de cinco que seus pais tiveram. Aos 19 anos, em Recife onde foi concluir os estudos do antigo colegial, começou a trabalhar como desenhista no Serviço Social contra o Mocambo²¹, onde conviveu com a realidade da arquitetura. Tentou prestar vestibular para Arquitetura em Recife não obtendo êxito, quando foi aprovado para o curso de Engenharia Mecânica na sua terra natal, o levando de volta para casa.

Em 1977 consegue transferir-se para o curso de Arquitetura e Urbanismo na UFPB, vindo a capital para cursar. Neste momento de sua vida teve contato com os artistas locais e os movimentos culturais da cidade. Casa-se com uma colega de curso em 1980 e em 1983, depois de formado, muda-se de vez com toda a família para cidade de Itabaiana – PB, onde mora até hoje.

²¹ Trata-se de um movimento que reuniu as iniciativas públicas e privadas do Recife em torno de uma política habitacional contra as precárias condições de moradia dos trabalhadores na época do Estado Novo (1937-1945). Colocou em prática a construção de casas populares para as classes mais vulneráveis.

Paralelo a sua carreira na arquitetura, Jessier se descobre poeta. Aos 40 anos lança seu primeiro livro com poemas guardados um longo tempo e só então levados a crítica literária. A partir de então começou a ser requisitado para recitais e apresentações artísticas em palco.

São obras suas: *Paisagem de Interior* (1996), *Agruras da Lata D'água* (1998), *Chapéu Mau e Lobinho Vermelho* (1998), *Política de Pé de Muro* (1999), *Prosa Morena* (2001), *Miudinha* (2001), *Paisagem de Interior II* (2004), *Bandeira Nordestina* (2006), *Berro Novo* (2010) e *Papel de Bodega* (2015).

Em 2006 foi convidado para integrar o elenco da minissérie *A Pedra do Reino* de autoria de Ariano Suassuna, gravada na Rede Globo de Televisão.

Desde 2001, seu talento como poeta fez com que sua atividade produtiva fosse quase que exclusivamente a de poeta, fazendo shows, espetáculos, eventos culturais e até palestras pedagógicas e empresariais em todo o Brasil.

O seu estilo de fazer poesia é quase único. Trata da inteligência matuta para enfrentar os desafios do dia a dia, com muito humor, irreverência e sagacidade. Sua marca pessoal está na linguagem que se identifica com o popular. Teve como influências Zé da Luz, Jararaca, Ratinho, Gonzagão, Jackson do Pandeiro, e tantos outros que manejavam muito bem este “dialeto popular”.

São inspiradores de sua poesia o homem do campo, o retirante, o vaqueiro, o feirante, o cangaceiro, as prostitutas, o trabalhador braçal, todos encontrados facilmente no ambiente em que vive, Itabaiana – PB.

Nos poucos trabalhos que ainda atua como arquiteto, devido a demandas específicas por encomendas, não abre mão de usar os seus traços regionalistas. Vê importância em cada peça, cada detalhe, cada traço, cada elemento da arquitetura rústica típica do nordeste brasileiro e que atende aos desejos e realidade do povo da região. Ele acredita que isto é uma obrigação daqueles que são guardiões da história e da cultura popular nordestina.

Sente-se muito orgulhoso da participação de toda a sua família no desenrolar de seus trabalhos, Vitor e Matheus (filhos) nos acompanhamentos musicais dos espetáculos, Diego e Doró (filho mais velho e esposa) nas revisões de texto e Marcela (filha mais nova) como espectadora.

Figura 35 – O pesquisador e Jessier Quirino ladeando uma geladeira antiga que faz parte da decoração regionalista de sua residência



Fonte: Pesquisa Direta

Diante das apresentações feitas – seja do ambiente, seja dos artistas que compuseram o *corpus* da pesquisa – trataremos na seção a seguir sobre as categorias de análise que nortearam teoricamente o estudo em suas múltiplas perspectivas. São elas a Folkcomunicação (Comunicação Popular), Economia Criativa, Ativismo e Desenvolvimento Local.

4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

As formas de comunicação e transmissão de informações utilizadas pelas classes marginalizadas²², urbanas ou rurais, mudaram muito pouco desde o século XX até a atualidade. Mesmo não acompanhando as mudanças que se operam nas classes mais privilegiadas, as classes marginalizadas vêm se adequando e aperfeiçoando as maneiras de aparecer, se comunicar, fazer-se entender e protestar contra as condições que lhes são impostas.

Neste sentido, para entendermos melhor o universo das transformações vividas no meio rural voltadas a busca por alternativas de desenvolvimento sustentável, sobretudo a partir das potencialidades locais, contextualizaremos os conceitos de Comunicação para o Desenvolvimento Local, Economia Criativa, Folkcomunicação e Artivismo com o *corpus* de nossa pesquisa, que tem como seio a arte enquanto ofício de sobrevivência e protesto, sendo estas as categorias primárias que orientaram este estudo.

4.1 Os Passos da Comunicação para o Desenvolvimento

No contexto brasileiro, a Comunicação está atrelada as questões desenvolvimentistas desde a década de 1940, quando o país se insere nas políticas difusionistas de inovação operadas na Europa e Estados Unidos, estruturando uma série de empresas²³ que tinham como objetivo “modernizar” o campo. Tratava-se de um processo de extensão, para o convencimento das populações a aderir as políticas de avanço tecnológico para o espaço rural (TAUK SANTOS, 2000).

A partir deste cenário de desenvolvimento induzido, a comunicação assume o papel de consolidador das políticas de Estado, que trazia para si a responsabilidade de tutor do desenvolvimento nacional. Muitos estudos acadêmicos dedicaram-se a entender e aprofundar os impactos deste modelo de comunicação para o desenvolvimento²⁴, dentre os quais se

²² Na lição de Beltrão (2014), entendemos como marginalizados, aqueles que estão fora das elites econômicas, políticas e culturais por suas condições socioculturais desfavorecidas. Contribuem também para esta marginalidade, o isolamento geográfico (urbano e rural). Estas elites é que normalmente determinam as pautas dos grandes meios de comunicação.

²³ Trata-se da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR) e Empresa Brasileira de Crédito e Assistência Técnica e Extensão Rural (EMBRATER) e subsidiárias.

²⁴ Os principais títulos sobre o tema são: *Comunicação das Novas Ideias* de Whiting e Guimarães (1969), *Comunicação, Opinião, Desenvolvimento e Comunicação e Modernização e Difusão de Inovações no Brasil* de Marques de Melo (1971; 1976)

destacaram os realizados pelos Programas de Pós-Graduação das Universidades Federal de Santa Maria, Federal de Viçosa e Federal Rural de Pernambuco (CALLOU, 1999).

Na década de 1970 o contexto histórico latino-americano está marcado por ditaduras, forte intervenção econômica externa e opressão sociocultural. Deste cenário surgem as críticas ao modelo difusionista de inovação, onde a de maior destaque foi a obra *Extensão ou Comunicação?* de Freire (1983, p.44) que traz uma nova perspectiva: “O mundo humano é, desta forma, um mundo de comunicação. Corpo consciente (consciência intencionada ao mundo, à realidade), o homem atua, pensa e fala sobre esta realidade, que é a mediação entre ele e outros homens, que também atuam, pensam e falam.”

A partir de então, os estudos e práticas na comunicação para o desenvolvimento passaram a ter duas correntes que divergem entre si. De um lado permanece o difusionismo de inovação com caráter modernizador e defendido especialmente por David Berlo e Everett Rogers, e de outro uma Comunicação Rural Participativa, com destaque para os estudos de Armand Mattela que tinham como norteadores as ideias de Paulo Freire por uma comunicação libertadora e modificadora da realidade vivida (CALLOU; TAUKE SANTOS, 2014).

Esta dualidade de pensamentos faz da América Latina um terreno fértil para avançar nesta nova perspectiva de comunicação para o desenvolvimento, defendida por Paulo Freire, tendo como principal característica a participação das camadas populares nos processos de comunicação de forma horizontal.

No decorrer da década de 1990, sobretudo no Brasil que sai do período de ditaduras e passa a ser governado sob a égide neoliberal, as políticas de desenvolvimento nacional ganham novos contornos e o Estado passa a encolher deixando que a evolução tecnológica e o crescimento do mercado sejam os instrumentos necessários para que a mudança social aconteça.

Neste período, as políticas de desenvolvimento, ora executadas e tuteladas o tempo todo pelo governo, passam a ser operacionalizadas a partir de parcerias, especialmente com a iniciativa privada e com instituições não governamentais, abrindo espaço para a participação popular no acompanhamento e fiscalização dos recursos repassados. No espaço rural, segundo Callou e Tauke Santos (2008), esta participação popular se fortalece com os incentivos as associações e cooperativas, que congregam as comunidades menos favorecidas deste contexto²⁵.

²⁵ Como principais programas governamentais desenvolvidos no espaço rural destacam-se o Programa de Crédito para Reforma Agrária (Procera) e o Programa de Apoio à Agricultura Familiar (Pronaf).

Mesmo que para alguns estudiosos este tenha sido um período de poucos, ou até insignificantes, resultados (CALLOU; TAUKE SANTOS, 2014), foi possível reconhecer que a comunicação para o desenvolvimento inicia neste momento sua caminhada para o fortalecimento da participação, empoderamento, descoberta de potencialidades (individuais e coletivas), construção e fortalecimento de lideranças, e de uma nova cultura para o desenvolvimento a partir dos recursos locais.

4.2 As Perspectivas do Desenvolvimento Local e o Capital Social

Esta fileira aberta ganha espaço e notoriedade com o raiar dos anos 2000. O crescimento acelerado das novas tecnologias da informação e da comunicação, os processos de globalização cada vez mais arraigados no seio da sociedade e os resultados impactantes negativamente das políticas modernizadoras no meio rural, trouxeram para o centro das discussões a busca por novas formas de desenvolvimento²⁶, fundadas nas perspectivas de um espaço rural envolvido em atividades não-agrícolas, cultura de sustentabilidade e fortalecimento das potencialidades locais (CALLOU, 2014).

Esta nova forma de ver o desenvolvimento, na contramão dos processos de globalização, tende a se preocupar com a descentralização do poder, seja econômico ou político, dando importância aos movimentos endógenos e localizados capazes de promover mudanças na realidade cotidiana das classes populares. Materializa-se assim o Desenvolvimento Local, apresentado por De Jesus (2007) como sendo a articulação das forças internas (lideranças ou instituições) no sentido de encontrar atividades baseadas nas matérias primas locais (humanas, financeiras, naturais, etc.), fazendo circular bens e serviços, promovendo com o protagonismo da comunidade, o desenvolvimento e a mudança da realidade vivida.

É possível verificarmos este cenário de desenvolvimento na história da cidade de Itabaiana – PB. Durante décadas a cidade foi protagonista de grandes acontecimentos, que com o desenrolar do tempo só se potencializaram, trazendo progresso e crescimento para o local, baseados na expertise da própria população e na sua visão de futuro. Foram exemplos disso a energia elétrica, a água encanada, o coreto, os bondes elétricos, o trem, entre tantos

²⁶ No meio acadêmico destacamos os estudos desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da UFRPE, na Universidade de São Paulo no grupo de pesquisa Nova Teoria da Comunicação (NTC), o Grupo de Trabalho Comunicación, Tecnología y Desarrollo da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC) e o Grupo de Trabalho Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM).

outros exemplos. Da Veiga (2012) fala que estes são indicativos de que o meio rural não está encolhendo ou se desfazendo, mas sim, se adaptando, reconfigurando e encontrando novas formas de sobreviver.

É preciso destacar que a preocupação engendrada no Desenvolvimento Local não esta no crescimento físico/material, mas no acesso a cidadania plena e na garantia de atendimento às necessidades humanas e sociais, como reforça Franco (2000, p. 35) na fala que “cidade desenvolvida é cidade boa para se viver e não cidade grande.” Complementa ainda que, “quando se fala aqui em desenvolvimento, fala-se, portanto, em melhorar a vida das pessoas (desenvolvimento humano), de todas as pessoas (desenvolvimento social), das que estão vivas hoje e das que viverão amanhã (desenvolvimento sustentável)” (FRANCO, 2000. P. 36). E disto Itabaiana – PB entende, tendo sido cobiçada como os grandes centros e até indicada por médicos como local para se recuperar de enfermidades, fato que levou o Governador Venâncio Neiva a transferir a sede da capital para a cidade nos tempos que ficou por lá.

Há de se refletir que o Desenvolvimento Local diferencia-se das demais políticas de desenvolvimento já postas anteriormente pela visão holística da existência de diversos tipos de capitais – não só aquele ligado ao acúmulo de riquezas – através dos quais se constroem um local verdadeiramente desenvolvido. E o principal deles é o Capital Social definido por Franco (2000) como aquele ligado aos níveis de organização de uma determinada sociedade.

Com efeito, o Capital Social passa a condição de instrumento indutor do Desenvolvimento Local, por figurar intimamente ligado às relações e mediações construídas entre os diversos atores sociais (COLEMAN, 2001). Entendemos que é nestas relações que surge novamente o papel da comunicação para o desenvolvimento, especialmente o local, quando Coleman (2001, p. 59) nos ensina que, quão maior o grau de interação e troca de informações, mais se acumula capital social, pois “a informação é importante porque proporciona uma base de ação²⁷.”

A partir destas frequentes trocas de informação, as comunidades passam a desenvolver, cada vez mais, a capacidade de trabalhar em grupo e o senso de cooperação, criando assim relações que se baseiam em condições como confiança, reconhecimento, e benefício mútuo (PUTNAM, 2001).

No contexto rural, que não deixa de ser o caso de Itabaiana – PB, o Desenvolvimento Local prioriza questões como o bem-estar e a qualidade de vida, buscando uma interação com a gestão eficiente dos recursos ambientais. Mas, para que isso aconteça, Jara (2001) nos

²⁷ Esta citação é uma tradução nossa, feita de forma livre, com base no texto que originalmente está em espanhol.

ensina que depende da vontade e da capacidade de articulação dos atores locais, sobretudo no acesso a informação.

Por isto, não podemos desconsiderar e deixar de pensar sobre as críticas que são formuladas ao Desenvolvimento Local²⁸, pois ele está longe de ser um elixir que tudo cura, figurando como um processo conflituoso e que não visa a homogeneização dos espaços. As pessoas agem por interesses próprios ou coletivos, acabando por convergirem em nome da convivência social. O desejo do próximo acaba por atender uma necessidade urgente pessoal, fazendo com que as mediações destes desejos e interesses construam o ambiente necessário para o envolvimento e surgimento de ações pra o Desenvolvimento Local.

Assim, o século XXI com seus rápidos avanços tecnológicos na informação e na comunicação constroem o novo cenário e os novos desafios da comunicação para o desenvolvimento. Na perspectiva do Desenvolvimento Local, a comunicação assume o papel de mobilização de pessoas e comunidades; instrumento educativo para formação da capacidade de autogestão; aumentar a representatividade política; garantir espaços de participação nas decisões que modifiquem as condições de vida do local; mediadora na construção de parcerias com o meio externo; reverberar as ações para outras comunidades e outras gerações garantindo a sustentabilidade do que foi alcançado (CALLOU; TAUKE SANTOS, 2014).

Diante destes novos papéis da comunicação no campo do Desenvolvimento Local, vislumbramos alguns elementos que contribuem para este processo, dos quais os que mais nos interessam são a cultura popular e a criatividade.

4.3 Criatividade e Cultura Popular: elementos de uma nova economia

Desde os primórdios as mudanças no ambiente natural modificam a forma como o homem encara a vida. São necessárias constantes adaptações no sentido de se reinventar, encontrando soluções para os problemas cotidianos, que a partir de ideias se transformam em algo concreto para enfrentar os desafios. Esta adaptação vivenciada pelo homem está baseada na criatividade – palavra que vem do latim *creare*, que significa construir o crescimento, criar, produzir, levar a frente – característica capaz de tornar pessoas, lugares e instituições em únicas (HARTLEY, 2005).

²⁸ Destacamos como as principais críticas ao conceito de desenvolvimento local as formuladas por Oliveira (2001) e Bava (2003).

A história humana foi testemunha de grandes inventos e grandes descobertas que geraram soluções para problemas cotidianos, criaram novos produtos e novos processos, dando uma dinâmica a vida humana, fazendo da criatividade o ativo intangível mais importante e mais valioso da atualidade. Desde então, os economistas passaram a ter um novo olhar sobre esta poderosa ferramenta por enxergarem nela o potencial gerador de inovação, empreendedorismo e riqueza (AMABILE, 1997).

No caso da produção das expressões culturais itabaianenses podemos verificar o aparecimento destas questões relativas a criatividade. Howkins (2001) nos ensina que a criatividade pode aparecer de dois tipos: (1) a individual ou privada e a (2) capaz de gerar produtos. O primeiro tipo está presente em todas as pessoas, povos e culturas, sobretudo nos contextos populares, já o segundo é mais característico de localidades que emergem como propícias a inovação e avanços tecnológicos. Nesta segunda perspectiva enxergamos Itabaiana – PB.

Dentro destes dois tipos de criatividade podemos evidenciar três dimensões, quais sejam, científica, cultural e econômica, onde a influência de qualquer delas no processo social nos aponta para a esfera da Economia Criativa. Esta estreita relação entre criatividade e economia, que resulta em produtos ou processos, é que pode contribuir para o desenvolvimento socioeconômico dos locais (UNCTAD, 2010).

A Unctad (2010) também apresenta outra visão, que sugere ser a criatividade um produto da união de quatro tipos de capitais: o cultural, o social, o humano e o institucional. Este modelo é chamado de 5 C's. Para melhor esclarecer a relação entre estes Capitais e a criatividade, tendo como resultado a mudança socioeconômica, apresentamos o quadro abaixo:

Quadro 4- Capitais da Economia Criativa

Tipo de Capital	O Escopo	Seu Sentido
Cultural	Bens Culturais como Livros, esculturas, pinturas, obras de artes, saberes fazer, linguagem, entre outros.	Os indivíduos necessitam uma carga simbólica e cultural para decifrar estes bens.
Social	As relações e a vivência em comunidade.	As trocas materiais e simbólicas nos grupos de referência geram os valores de pertencimento.

Humano	Conjunto de atributos como educação, conhecimento, capacidade, vivência de mundo.	São atributos que fortalecem os indivíduos favorecendo suas ações individuais.
Institucional	Infraestrutura como Museus, Parques, Escolas.	Garantir um ambiente para o desenvolvimento da propriedade intelectual.

Fonte: Pesquisa Direta

Este modelo dos 5 C's tem o objetivo de parametrizar indicadores para mensuração dos efeitos da criatividade nas mudanças socioeconômicas das localidades. Em um contexto globalizado, onde as pequenas regiões e os países em desenvolvimento perdem poder de competitividade, sobretudo pela quebra de fronteiras geográficas e dos modos tradicionais de produção, é preciso redefinir estratégias de desenvolvimento e focar nas matérias-primas intangíveis, como a criatividade e as culturas.

Baseado nesta mudança de foco, Florida (2005) identificou o surgimento das Classes Criativas. Para ele, o centro desta nova classe são os profissionais, que mesmo ligados às atividades tradicionais, valorizam a criatividade como matéria-prima para criar ideias, tecnologias e conteúdos, gerando soluções para problemas complexos. Em seu entendimento, Florida (2005) vê o crescimento econômico dos locais a partir da concentração de profissionais das classes criativas, assim como a falta ou perda deles descapitaliza as localidades.

Em seus estudos, o autor propôs que as dinâmicas econômicas baseadas na criatividade deveriam ser mensuradas, para com estas métricas poder comparar regiões, onde quanto mais criativo, mais propenso a inovação e ao desenvolvimento o local está. Esta metodologia avançou para o que Florida (2005) propõe como método dos 3 T's – Talento, Tecnologia e Tolerância, tripé considerado essencial para o desenvolvimento econômico.

4.4 O surgimento da Economia Criativa e sua aplicabilidade no Desenvolvimento Local

Seguindo nesta evolução propositiva de novos modelos econômicos e de desenvolvimento, surge a chamada Economia Criativa. As discussões acerca do tema ainda são muito novas, seu conceito ainda não goza de consenso na literatura, além de ser constantemente confundida com outros termos como Economia do Conhecimento, Economia da Cultura e Indústrias Culturais (REIS; DEHEINSELIN, 2008).

A despeito desta pluralidade, o termo Indústrias Culturais vem sendo tema recorrente desde a década de 1920, onde os estudos conduzidos por Adorno e Horkheimer (1995) dão conta da industrialização dos produtos culturais e da sua produção em escalas massivas. Estas indústrias tiveram um ganho de importância, sobretudo nos anos 1980, quando tornaram-se alternativa a grande crise do capitalismo industrial. Na atualidade, as indústrias que compõem este segmento fazem parte da dinâmica econômica da Economia Criativa (HESMONDHALGH, 2007).

A UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (2009) define as Indústrias Culturais como o conjunto de criação, produção e distribuição de conteúdos culturais, quase sempre protegidos por direitos autorais, transformando-se em produtos e serviços, capazes de se difundir massivamente e garantir o acesso democrático a cultura.

Já o termo Indústrias Criativas surge do trabalho realizado pelo governo Australiano a fim de mapear as potencialidades locais, tendo como diferencial a sua cultura. O resultado deste esforço foi o documento chamado de *Nação Criativa: Política Cultural da Commonwealth*, conjunto de ações e propostas que tem por objetivo fomentar a geração de riqueza, o crescimento cultural, o reconhecimento e o desenvolvimento socioeconômico do país, a partir de suas potencialidades endógenas (AUSTRÁLIA, 1994).

Porém, o conceito só ganha força em 1997, durante o governo do Primeiro Ministro Tony Blair, a frente do Reino Unido. O momento mundial estava tomado por uma forte crise econômica, atingindo até os países mais desenvolvidos, gerando assim, a necessidade de encontrar alternativas de crescimento fora dos setores da economia tradicional.

Foram identificados 13 setores que tinham como matéria prima a criatividade, a habilidade e o talento individual ou de grupos. São eles: Publicidade, Arquitetura, Artes e mercados de antiguidades, Artesanato, Artes Cênicas, Design, Moda, Cinema, Software, Música, Editoração e Publicação, Televisão e Rádio (UNCTAD, 2010).

Segundo Reis e Deheinzelin (2008), este mapeamento de atividades foi importante para mudar a visão da economia finita e tangível, para a infinita e intangível; como forma de valorizar o potencial endógeno como vantagem competitiva; para criar métricas capazes de mensurar o alcance e importância da Economia Criativa no crescimento do país.

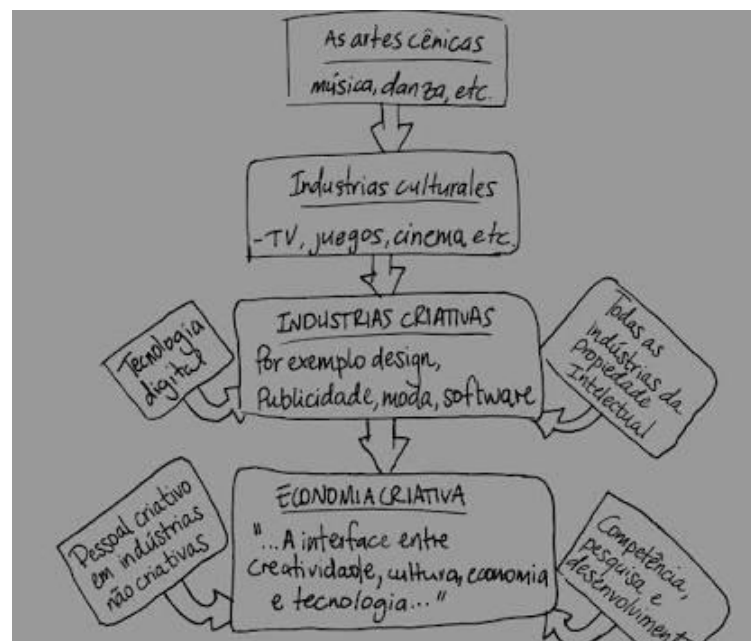
Após estes movimentos governamentais que foram o *startup* do conceito, o pesquisador Howkins (2001) consolidou a Economia Criativa como sendo os processos de criação, produção e distribuição de produtos e serviços, que tem como matéria prima a criatividade e a capacidade intelectual, gerando direito de propriedade.

Há outros dois modelos que se ocupam da divisão das atividades que estão inseridas nas dinâmicas da Economia Criativa, são eles: Textos Simbólicos e Círculos Concêntricos. O primeiro traz uma divisão focada principalmente na literatura e nos meios de comunicação de massa, incluindo atividades como cinema, teatro, música, televisão, rádio e livros. Sua função social é democratizar, a partir de processos de produção em massa, o consumo de bens culturais (HESMONDHALGH, 2007).

Já os Círculos Concêntricos dividem as atividades criativas em quatro níveis, diferenciadas entre si pela quantidade de conteúdo contido em seus produtos.

Seguindo do centro para as bordas, o primeiro círculo engloba as atividades de Música, Artes Cênicas e Artes Visuais; o segundo círculo engloba, sobretudo a infraestrutura como Museus, Bibliotecas, Pinacotecas, Acervos; o terceiro círculo compreende as já citadas indústrias culturais como televisão, rádio, música, etc.; e por último, são as atividades que se relacionam de algum modo com a criatividade como a publicidade, o design e a moda. Este tipo de classificação é mais utilizado nos países europeus (THROSBY, 2001).

Figura 36 - Infográfico das Divisões da Economia Criativa



Fonte: www.docplay.com.br. Acessado em: 22 de Dezembro de 2015

Como instrumento didático, sintetizamos no quadro abaixo as três divisões das atividades e setores da Economia Criativa para que amparados nestas informações possamos fazer as devidas análises e discussões das convergências e distanciamentos encontrados através da observação do *corpus* da pesquisa.

Quadro 5 - Divisão das Atividades de Economia Criativa

MODELOS		
REINO UNIDO	TEXTOS SIMBÓLICOS	CÍRCULOS CONCENTRICOS
Publicidade	Indústrias Culturais Centrais	Artes Criativas Centrais
Artes e antiguidades	Publicidade	Música
Artesanato	Filmes	Artes Cênicas
Design	Internet	Artes Visuais
Moda	Música	Outras Indústrias Culturais Centrais
Filme e Vídeo	Editoras	Filmes
Música	Televisão e Rádio	Museus e Bibliotecas
Video Games e Jogos	Video Games e Jogos	Indústrias Culturais mais Amplas
Editoras	Indústrias Culturais Periféricas	Serviços de Patrimônio
Software	Artes Cênicas	Video Games e Jogos
Televisão e Rádio	Indústrias Culturais sem Distinção Fixa	Gravação de Sons
Artes Cênicas	Eletrônicos para Consumidor	Televisão e Rádio
	Moda	Indústrias Relacionadas
	Esporte	Publicidade
	Software	Arquitetura
		Design
		Moda

Fonte: Pesquisa Direta, adaptada de UNCTAD (2010)

Entendemos assim, que a Economia Criativa apesar de ser um conceito aberto e em processo de construção tem se consolidado como um instrumento de mediação entre os setores tradicionais e os setores criativos da economia. Seu papel está em estabelecer redes relacionamento entre setores (mídia, informação e as artes), entre tipos de trabalho (tradicional e criativo) e entre instituições (governo, organizações e iniciativa privada), com o intuito de apoiar e nortear iniciativas, processos e políticas para o Desenvolvimento Local.

4.5 Folkcomunicação: a comunicação popular cotidiana

Com já citamos, além da Comunicação para o Desenvolvimento Local, a Criatividade, a Cultura Popular, o Capital Social e a Economia Criativa, há outros elementos que colaboram para o processo de construção do desenvolvimento a partir de potencialidades endógenas, e aqui nos interessa de forma particular a comunicação popular cotidiana no contexto da Folkcomunicação.

O campo da comunicação tem sofrido diversas mudanças nas últimas décadas. Os avanços das Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs, as redes sociais na internet, a modernização dos meios de comunicação, são exemplos destas modificações nas dinâmicas e estudos sobre o processo comunicativo. Mesmo no contexto globalizado, no qual estamos inseridos, podemos evidenciar que cada local tem uma forma única de se comunicar, com linguagem, meios e agentes próprios.

Desde a década de 1980 isto já havia sido observado pelo professor e jornalista Luiz Beltrão, que identificou nos grupos sociais marginalizados, ou seja, aqueles que não têm acesso aos meios de comunicação (nem como espectador, nem como produtor de conteúdo), a existência de um processo comunicativo utilizado para expressar suas ideias e protestar contra as condições a que estão submetidos, tendo o folclore como seu principal suporte.

Marques de Melo (2008, p.15) reforça esta visão para a atualidade quando diz que ao longo do tempo, aqueles indivíduos que estão a margem da sociedade e afastados dos suportes midiáticos e de seus referenciais simbólicos, foram construindo novas formas de se comunicar produzindo uma mídia “artesanal, artilosa, criativa”.

Sendo um país de países, onde temos diversas culturas, linguagens, modos de vida, unificar um sistema de comunicação capaz de alcançar todos estes desdobramentos é tarefa quase impossível. Sobre isso Beltrão (2014, p. 27) nos ensinou que:

A comunicação é o problema fundamental da sociedade contemporânea. Sociedade composta de uma imensa variedade de grupos, que vivem separados uns dos outros pela heterogeneidade de cultura, diferença de origens étnicas e pela própria distância social e espacial.

Apoiado nesta realidade, Beltrão (2014) buscou verificar, pelo princípio da universalidade, nas mais diversas regiões do país, os processos comunicativos que por essência estão enraizados nos “catimbós” e na cultura do povo. Como resultado disto, ele

chegou a uma classificação da chamada “comunicação dos marginalizados”, em que estão inseridos os seguintes gêneros, formatos e tipos:

Quadro 6 - Taxionomia da Folkcomunicação

Gênero	Formato	Tipo
<i>Folkcomunicação oral</i>	Canto	Aboio
		Acalanto
		Canto de bebida
		Cantiga de mendigo
		Canto de trabalho
		Coreto
		Embolada
		Pregão
		Toada
		Música
	Chimarrete	
	Chula	
	Choro	
	Dobrado	
	Lundu	
	Moda de viola	
	Samba de breque	
	Prosa	Conto de fada
		Lenda
		Saudação
		Sermão
	Verso	Cantoria
		Glosa
		Parlenda
		Trova
	Colóquio	Conversa fiada
		Conchavo
	Rumor	Boato
		Fofoca
	Tagarelice	Bordão
		Gíria
		Palavrão
	Zombaria	Anedota
		Apelido
	Passatempo	Adivinhação
		Charada
Provérbio		
Reza	Bendito	
	Incelência	
	Ladainha	
<i>Folkcomunicação visual</i>	Escrito	Abaixo assinado
		Carta anônima
		Carta devota
		Correio sentimental
		Corrente
	Impresso	Almanaque de cordel
		Almanaque de farmácia
		Graça alcançada
		Literatura de cordel
		Literatura mediúnica

		Livro de sorte
		Oração milagrosa
		Panfleto
		Santinho de propaganda
		Volantes publicitários
		Xilogravura popular
	Mural	Cartaz
		Folhinha
		Facha
		Grafito de banheiro/latrina
		Jornal mural
		Pichação de parede
		Pasquim em verso
	Pictográfico	Adesivo
		Camiseta
		Epitáfio
		Flâmula
Legenda de caminhão		
Pintura mediúnica		
Tatuagem		
<i>Folkcomunicação icônica</i>	Devocional	Amuleto
		Ex-voto (promessa)
		Imagem de santo
		Medalha
		Presépio
	Diversional	Boneca de pano
		Brinquedo artesanal
		Boneco de barro
		Jogos infantis
	Decorativo	Adornos pessoais
		Bordados de cama e mesa
		Cestaria
		Ornamentos domésticos
		Figuras de enfeite
		Luminárias
	Nutritivo	Bolos
		Biscoitos
		Pães
	Bélico	Armas
		Fardas
		Estandartes
		Troféus
	Funerário	Coroas
		Lápides
		Mortalhas
		Túmulos
	Utilitário	Faiança
		Mobiliário
<i>Vestuário</i>		
<i>Folkcomunicação cinética</i>	Agremiação	Bloco carnavalesco
		Clube de mães
		Comunidade de base
		Escola de samba
		Escola dominical
		Mutirão
		Troça
	Celebração	Afoxé
		Candomblé

		Macumba
		Missa crioula
		Procissão
		Peregrinação
		Toré
		Umbanda
		Vigília a Iemanjá
	Distração	Amarelinha
		Bazar
		Capoeira
		Circo mambembe
		Horóscopo
		Jogo do bicho
		Mafuá
		Mamulengo
		Pelada de várzea
		Quermesse
		Rodeio crioulo
		Tourada
		Vaquejada
	Manifestação	Campanha
		Comício
		Desfile
		Greve
		Marcha
		Passeata
		Parada
		Queima de Judas
		Trote de calouros
	Folguedo	Baiana
		Bumba-meu-boi
		Cavalhada
		Chegança
		Caboclinho
		Fandango
		Folia de reis
		Guerreiro
		Marujada
		Maracatu
		Pastoril
		Reisado
		Taieira
	Festejo	Carnaval
		Festa cívica
		Festa da padroeira
		Festa da produção
		Festa do Divino
		Festa junina
		Festa natalina
		Micareme/micareta
		Forró
		Funk carioca
		Rap paulista
	Dança	Batuque
		Caiapó
		Catira
		Congada
		Cururu

		Ciranda
		Coco-de-roda
		Dança de moçambique
		Flamengo
		Frevo
		Galope
		Jongo
		Marcha-rancho
		Maxixe
		Mazurca
		Quadrilha
		Samba
		Sapateado
		Tango
		Xaxado
		Ticumbi
		Valsa
	Rito de passagem	Aniversário natalício
		Batizado
		Boda
		Chá-de-bebê
		Chá-de-cozinha
		Despedida-de-solteiro
		Formatura
		Velório

Fonte: Pesquisa Direta, adaptado de Marques de Melo (2008)

O quadro acima compõe a taxionomia da Folkcomunicação e através da leitura dela identificamos e classificamos os principais elementos vistos na cidade de Itabaiana – PB e nas ações dos Artivistas observados em nossa pesquisa.

Ao ampliar os seus estudos, Beltrão (2014, p. 28) verificou que sem acesso direto às mídias de massa, as populações mais isoladas acabam recebendo as mensagens através de agentes e meios que utilizam uma linguagem mais próxima de sua realidade. Este processo comunicativo é:

Por natureza e estrutura é um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que disperso.

Todo este aparato de informações coletadas desaguou na Teoria da Folkcomunicação, defendida em sua tese de doutoramento como sendo “o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (Beltrão, 2014, p.79).

Schmidt (2006) nos ensina que, para compreender melhor os processos da Folkcomunicação precisamos conhecer a comunidade profundamente, suas histórias, seu modo de vida, sua cultura, seus catimbós; e entender os limites entre comunicação e folclore e seus pontos de intersecção.

Neste sentido, Hohlfeldt (2002, p.2) contribui afirmando que “esta realidade mantém-se ainda hoje em dia, mesmo que os contextos se tenham modificado [...]” e redefiniu a Folkcomunicação como sendo:

[...] o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos. [...] portanto, é um campo extremamente complexo, interdisciplinar – necessariamente – que engloba em seu fazer saberes vários, às vezes até contraditórios, para atingir seus objetivos e dar conta de seu objeto de estudo.

Vejamos que em cada uma das falas apresentadas, desde a ideia seminal de Beltrão (1980) até as mais atuais (MARQUES DE MELO, 2008; HOHLFELDT, 2002; SCHMIDT, 2006) identificamos a presença ou menção a figura de um agente desencadeador destes processos de Comunicação Popular Cotidiana, o que para este estudo é de primordial importância, pois estamos buscando responder qual o papel dos Artistas no processo de Desenvolvimento Local. Por este motivo, passaremos nas subseções seguintes a detalhar como se constrói ao longo do tempo as características e o papel destes atores sociais.

4.6 Os líderes de Opinião e o Ativista Midiático

Nas pesquisas de comunicação, Beltrão segue os passos do funcionalista Lazarsfeld, que desenvolveu a teoria da comunicação em duas etapas, dando ênfase ao agente chamado de líder de opinião. Este agente tem um acesso privilegiado as informações, bem como possui uma carga simbólica maior para interpretação delas. Nos estudos da Folkcomunicação, este mesmo agente foi identificado, porém com características mais particulares, recebendo o nome de comunicador folk.

Trata-se de sujeitos ativos da comunidade, que gozam de um acesso privilegiado aos meios de comunicação e de um repertório simbólico maior para decodificação das mensagens. A função deles é receber as mensagens e através de um canal específico – canal folk – retransmitir estas mensagens ao que chamou de audiência folk.

Estas figuras eram os caixeiros viajantes, caminhoneiros, romeiros, cantadores, poetas matutos, que mesmo gozando destes atributos, “nem sempre são autoridades reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo ouvintes, leitores, admiradores e seguidores” (BELTRÃO, 1980, p. 80).

Estes líderes falam para uma audiência folk que é composta pelos grupos marginalizados assim divididos: rurais marginalizados, urbanos marginalizados e culturalmente marginalizados. O primeiro grupo trata de pessoas que vivem em áreas rurais, de difícil acesso, com meios de comunicação precários e que quase sempre são desprovidos da educação formal; o segundo grupo é formado por pessoas que moram nas cidades, nos grandes centros, mas que convivem com situações de contingências sociais e culturais; o último grupo trata de pessoas que contestam a ordem social vigente, a sua cultura e as normas. Necessário destacar, que os culturalmente marginalizados estão automaticamente incluídos dentro dos outros grupos.

A partir destes traços e características deixadas pelo comunicador folk, Trigueiro (2004) propõe sua atualização e reconfiguração. Em sua tese de doutoramento, o autor investigou em São José de Espinharas, uma comunidade rural do interior da Paraíba, o que a audiência fazia com os bens e produtos de que tinha acesso por meio das grandes mídias, principalmente a televisão.

Para ele, o ato de ver televisão já torna a pessoa ativa no processo comunicativo, mas o fato de estar ativa não quer dizer que ela exerça um papel diferenciado como o do ativista. Para que isto aconteça é necessário que o sujeito se destaque em seu grupo de referência e atue como um gerador de significado para as relações internas e externas do grupo. Ou seja:

O ativista midiático do sistema folkcomunicacional, aqui observado e analisado, é o que opera nos grupos de referência da comunidade nos espaços rurais, urbanos e rurbanos, nas diferentes práticas sociais, como encadeador de transformações culturais para uma renovada ordem social, nos lugares onde se dão as interações mediadas de conveniências entre o local e o global, nos espaços da casa e da rua, melhor dizendo, no seu ambiente de vivência, de aprendizado que potencializa os seus produtos culturais nos meios de comunicação (TRIGUEIRO, 2005, p.3).

É importante destacar que o ativista midiático age por interesses próprios, ou da coletividade, mas o resultado de suas ações contribui para uma nova construção de usos cotidianos dos bens adquiridos através dos meios de comunicação. Com isso passa a exercer o papel de fiel depositário da cultura local e de sua identidade, transitando os discursos locais no global e motivando a dramatização do global na vida cotidiana (TRIGUEIRO, 2004).

Assim vemos a substituição do comunicador folk de Beltrão (2014) pelo Ativista Midiático de Trigueiro (2004), pois esta figura não mais ocupa lacunas no processo de comunicação, mas age como protagonista dele e na função de elo entre o global e o local. Mas se na atualidade quase todas as pessoas têm acesso a informação, de diversas maneiras, qual a importância desta figura no mundo contemporâneo e globalizado, sobretudo nos contextos rurais?

Diríamos que é dar visibilidade aos processos locais, que muitas vezes estão invisíveis aos olhos do global. O que se produz no seio de grupos marginalizados comunica-se por veículos próprios no espaço local, mas para que isso se reverbere nas cadeias globais faz-se necessário a atuação deste agente modificador de realidades (TRIGUEIRO, 2005). Eles são potencializadores dos produtos das culturas populares no contexto global.

Reforçando isto, Trigueiro (2005, p.7) nos ensina que:

O ativista midiático é um bom contador de histórias tradicionais e contemporâneas, é detentor de um amplo repertório de culturas locais. É nessa “militância cultural” que ganha mais espaço como articulador das interações face a face, mesmo contaminadas pelas interações midiáticas.

Entretanto, ao ligarmos os conceitos de comunicador folk e Ativista Midiático ao *corpus* de nossa pesquisa entendemos que seus papéis não são apenas estes, de preencher espaços no processo de comunicação, nem só de agentes das culturas populares frente aos meios de comunicação de massa. Foi preciso nos apropriar de um conceito que traga consigo estas características e que possa avançar num aspecto: as ações fundadas nos processos comunicativos das expressões culturais populares como elemento do processo ativista. Assim, nos posicionamos no conceito do Artivismo.

4.7 O Artivismo e seus agentes Artivistas

A busca por este novo conceito se dá na necessidade de uma teoria capaz de abraçar iniciativas que ao mesmo tempo contemplasse aspectos sociais e políticos, e que estivesse fundado numa perspectiva criativa e crítica. Assim nasce o termo Artivismo, neologismo que surge da junção das palavras arte e ativismo (BAIGORRI, 2003).

Apesar de não ser um termo inédito, ainda é difícil o acesso a fontes validadas sobre o tema, por isso apresentamos o estado da arte sobre o termo, para que se possa entender as convergências e caminhos. Em 2007, Teresa de Jesus B. Vieira defendeu uma dissertação de

mestrado, pela Universidade do Porto, com intuito de estudar o Artivismo como uma estratégia de resistência cultural. No primeiro capítulo de sua dissertação, Vieira (2007, p.10) faz um apanhado sobre autores e práticas que apontam para o que possivelmente seria uma arte de resistência e que tem o intuito de reagir contra a política vigente. Porém, ela nos alerta que o mais importante não é criar categorias engessadas para incluir práticas no termo, mas entender a “natureza híbrida das práticas e a sua multiplicidade de expressões e conexões na procura do cumprimento direcionado dos seus objetivos.”

Logo em seguida, em 2008, na Universidade de São Paulo, André Mesquita defende uma dissertação de mestrado com o tema Arte Ativista. Para Mesquita (2008) o seu trabalho tem uma ligação íntima com o termo artivismo, porém evita a sua utilização por entendê-lo como engessado e ter sido criado pela mídia apenas como uma forma de rotular um movimento de vanguarda na luta contra os poderes hegemônicos.

O último trabalho encontrado que trata do tema, também defendido na Universidade de São Paulo, foi a dissertação de mestrado de Vanessa Bordin, que trabalhou o caráter político de personagens cômicos grotescos no teatro. Para Bordin (2013) as culturas de massa tanto se apropriam da cultura tradicional, quanto da cultura popular, pois o que interessa no final é o lucro das indústrias culturais.

Neste sentido é que nasce o artivismo da contemporaneidade, onde o ativista se apropria dos signos e símbolos da cultura popular, e se utiliza da cultura de massa, com intuito de gerar discursos capazes de mobilizar pessoas para lutar contra as suas condições atuais (BORDIN, 2013).

Para ficar mais claro o que se pretende com este novo termo, trazemos o conceito das duas palavras que dão origem ao neologismo. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (2015) o termo arte significa “4 Execução prática de uma ideia; 5 Saber ou perícia em empregar meios para conseguir um resultado; 10 Profissão, ofício”. Já o termo artivismo é apontado como a “2 Atividade de quem participa ativamente na vida política e social; Militância política”.

Atualmente a fronteira que existe entre a arte e política tem se estreitado rapidamente. Ora os movimentos artísticos se revestem de estéticas e discursos políticos, ora os movimentos políticos utilizam a estética artística como canal ou suporte. Para que possamos entender como estas relações entre arte e política vêm se configurando ao longo do tempo, e como elas desaguaram no momento atual, é necessário resgatar alguns momentos históricos desta construção simbólica do Artivismo.

A década de 1960 é um destes momentos, que está marcado como um período de amadurecimento e fortalecimento dos movimentos sociais de esquerda, que se opõem ideologicamente à sociedade de consumo imposta pela globalização. Estes movimentos são remanescentes das ideias formuladas durante os anos 1950 e formam uma geração ativa de contracultura às condições sociais vigentes.

Até o meio da década (1965), os movimentos sociais de esquerda tinham ideais utópicos e eram pouco politizados em suas ações, porém a partir da segunda metade da década, com as experiências com drogas, a liberação do sexo, a luta contra as ditaduras e o amadurecimento político, eles elaboraram uma concepção crítica da sociedade e uma estratégia de protesto frente a economia capitalista e suas consequências nas relações sociais.

Neste contexto de avanço dos movimentos sociais, destacamos o movimento situacionista surgido na Itália, mas de alcance mundial, que tinha cunho político e artístico objetivando mudanças nas relações políticas e sociais. Conduzido na França por Guy Debord²⁹, o movimento questionava o sistema social vigente e o papel da arte dentro dele, defendendo que a subversão era o passo para construção de um novo mundo. Para os situacionistas era preciso entender a arte como parte do cotidiano e da construção da vida, e não como uma atividade especializada e de difícil acesso (CHAIA, 2007).

Assim, a chamada contracultura domina a cena através do surgimento de movimentos como os hippies (pela paz mundial), os black powers (em defesa do orgulho negro), o LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis (em defesa dos homossexuais), o feminismo (pelos direitos das mulheres), entre tantos outros, com uma identidade underground, visivelmente identificada pelas escolhas de visual, roupas e músicas.

Outro momento importante para a construção do conceito do Artivismo situa-se em meados da década de 1990, com a efervescência das novas tecnologias, ampliação do acesso aos meios de comunicação de massa e o avanço da internet. Estes novos meios de comunicação servem de suporte e mídia para a ação dos artistas engajados politicamente e ajudam sobremaneira no acesso aos produtos e práticas advindas destas ações. A partir das TIC's, a relação tempo-espaço se dissolve e reduz significativamente as barreiras do acesso a estas práticas ativistas, dando condições para a emergência de novas atitudes, linguagens e usos da política como estética.

²⁹ Escritor francês e um dos principais pensadores da Internacional Situacionista. Seu principal trabalho foi *A Sociedade do Espetáculo*, livro publicado em 1967, no qual defendia que a sociedade era um acumulado de espetáculos, onde as vivências são intermediadas, colecionando relações sociais.

Aliado a estes dois principais momentos, temos também o movimento da arte conceitual que despontou nos anos 1970, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, como reação as formalidades do campo da arte. Suas principais características que o aproximam do Artivismo são: a valorização do conceito e da ideia da obra, não do produto; uso de diversos suportes como a performance, o vídeo, textos, entre outros; utilização do meio ambiente como plataforma e suporte; volta da valorização da natureza e da forma humana nas peças criadas; e por fim, a quebra do formalismo artístico (CHAIA, 2007).

Consolidando todas estas características apontadas nos movimentos sociais de esquerda das décadas de 1960, 1970 e 1990 temos um ativismo cultural que em muito se assemelha a contra-arte, no sentido de valorizar a participação social na construção do objeto artístico e de envolver a comunidade nos processos de consumo da arte. Nestes saberes-fazer dos artistas populares se produzem conceitos, práticas e discursos, imbuídos de uma crítica política, servindo de porta-vozes das comunidades em que estão inseridos.

O Artivismo, pelos seus métodos participativos na execução e apresentação de resultados, se caracteriza como um movimento que questiona constantemente as relações de poder em que está inserido, fazendo de suas ações um modo de resistência cultural e contestação crítica. Vieira (2007, p. 8) nos referenda isso ao dizer que:

Esta servirá para criticar (autocriticando-se) e é bifurcada em duas trajetórias: uma arte que interpreta o mundo (promovendo e forçando certas interpretações) e uma arte que se separa desta realidade (porque obscura e inútil, que nega facilitar a performatividade econômica e comunicacional dominante).

Ou seja, o Artivista desloca-se do individual para atuar na esfera do coletivo, envolto nas relações sociais que despertam o seu interesse de luta. Isso nos dá a dimensão da coletividade social que há nas suas ações e da sua vocação enquanto ator do processo de mediação dos conflitos urgentes a serem enfrentados pela comunidade.

Isto faz do Artivismo um processo de reconhecimento do outro na sua arte, fomentando uma crítica às condições sociais produzidas na contemporaneidade, levando em conta seu forte envolvimento com o social, tendo assim uma redução da autonomia da arte, em contrapartida do fortalecimento das relações entre a ética e a estética.

Sendo assim, podemos dizer que o ponto nevrálgico do processo artivista esta na atitude artística frente à realidade em que se insere. O processo artístico enquanto intervenção social, seja na forma ou no método, desnuda-se como mecanismo de modificação da sociedade na forma de linguagem dirigida para alcance de resultados positivos das ações.

Neste sentido, a importância do Artivismo está em concretizar mudanças sociais, não só modificando as políticas, mas servindo de canal para conscientização da comunidade sobre determinadas realidades e fomentando o pensamento crítico sobre elas. Não num sentido doutrinário, pois não se trata de manobrar entendimentos, mas para que as críticas se tornem espaço aberto para discussão e exposição de ideias e opiniões (BORDIN, 2013).

Com efeito, o artivismo na sua função sociopolítica busca uma intervenção positiva do modo de vida, seja no microcosmo (local), seja no macrocosmo (global), incorporando à arte uma função pedagógica e de mobilização. Podemos dizer então, que o Artivista é um desencadeador de futuros possíveis, que transita na fronteira entre o individual e o coletivo, levando as suas ações enquanto instrumentos de protesto para espaços públicos e de visibilidade, tendo como panos de fundo a arte e o discurso político.

Esta difícil relação entre os campos artísticos e político imprimem a urgência das práticas artivistas, que devem sempre levar em conta as diversidades estéticas e as heterogeneidades políticas de cada local. Nesse sentido, o Artivismo apresenta-se como uma forma de micropolítica que conduz tanto para os discursos alternativos quanto para as práticas de resistência.

Neste contexto de práticas e discursos se inserem as ações e ofícios desenvolvidos pelos Artivistas que compõem o *corpus* de nossa pesquisa. Tanto Jessier Quirino como Fábio Mozart utilizam seus saberes fazer como instrumentos de mobilização das pessoas da comunidade em que se inserem, a fim de construir caminhos e instrumentos que proporcionem a modificação das suas condições de vida.

Ou seja, a prática do artivismo, como sugere a junção dos verbetes arte e ativismo, constitui-se em um discurso gerador de opinião nas cadeias de comunicação cotidiana, com o objetivo de mobilizar pessoas em torno de questões de relevância da vida social, tendo como fim a mudança das condições de contingenciamento vividas pelas culturas populares.

Assim fechamos o aparato teórico que serviu de suporte e sustentação para nossas observações, análises e discussões, que passamos a sintetizar no artigo científico a seguir.

Referências

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

AMABILE, T. M. Motivating Creativity in Organizations: On Doing What You Love and Loving What You Do. **California Management Review**. Nº 40, p. 39-58, 1997.

AUSTRÁLIA. **Creative Nation: Commonwealth Cultural Policy**. Office for the Arts: 1994.

BAIGORRI, Laura. **Recapitulando: modelos de ativismo (1994-2003)**. UOC, 2003. Disponível em: www.uoc.edu/artnodes/esp/art/baigorri0803/baigorri0803.html. Acesso em: 22 de março de 2015.

BAVA, Silvio Caccia. A produção da agenda social: uma discussão sobre contextos e conceitos. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, vol. 31, ago., 2003.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. 3ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

BORDIN, Vanessa Benites. **O jogo do bufão como ferramenta para o artista**. 2013. 115 fl. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

BRASILEIRO, Maria Dilma Simões; MEDINA, Júlio César C; CORIOLANO, Luiza Neide. (Orgs.). **Turismo, Cultura e Desenvolvimento**. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. Coleção Aldus. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.

CALDAS, Waldemar. **Cultura de massa e política de comunicação**. São Paulo: Global, 1986.

CALLOU, Ângelo Brás Fernandes (Org.). **Comunicação rural e o novo espaço agrário**. São Paulo: Intercom, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 1999.

CALLOU, Ângelo Brás Fernandes. Ciberextensão. In: CALLOU, Angelo Brás Fernandes; TAUK SANTOS, Maria Salett. **Extensão rural – extensão pesqueira: estratégias de comunicação para o desenvolvimento**. Recife: FASA, 2014, p. 677.

CALLOU, Ângelo Brás Fernandes; TAUK SANTOS, Maria Salett. **Itinerários da pesquisa em comunicação para o desenvolvimento local no Brasil**. XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Foz do Iguaçu 2014.

_____. Políticas públicas e associativismo agrícola no nordeste do Brasil. **Revista da Rede Universitária das Américas em Estudos Cooperativos e Associados**, Sherbrooke, Canadá, vol. 6, n. 1, p.33-47, out. 2008.

CERQUEIRA PAES, Marcelo Renato de. **Do Azeite de Mamona á Eletricidade**. João Pessoa: Saelpa, 1994.

CHAIA, Miguel. Artivismo – Política e Arte Hoje. **Revista Aurora**, São Paulo, ano 1, 2007.

COLEMAN, James S. Capital Social y creación de capital humano. In: HERREROS, Francisco; FRANCISCO, Andrés de (Comps.). **Capital Social**. Zona Abierta, 2001.

DA VEIGA, José Eli. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano que se calcula**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

DE JESUS, Paulo. Sobre Desenvolvimento Local e Sustentável: algumas considerações conceituais e suas implicações em projetos de pesquisa. In: MACIEL FILHO, Adalberto Rego; PEDROSA, Ivo Vasconcelos; ASSUNÇÃO, Luiz Marcio de Oliveira (Orgs.). **Gestão do Desenvolvimento Local Sustentável**. Recife: EDUPE, 2007.

DEHEINZELIN, Lala. **Políticas Culturais, Economia Criativa e Desenvolvimento**. 2006. Disponível em: www.laladeheinzelin.org.br. Acesso em: 18 de outubro de 2015.

DEMO, Pedro. **Metodologia para quem quer aprender**. São Paulo: Atlas, 2008.

DICIONÁRIO DA LINGUA PORTUGUESA COM ACORDO ORTOGRÁFICO. Porto: Porto Editora, 2003-2015. Disponível em: www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/. Acesso em: 01 de maio de 2015.

EL-DEIR, Sayonara Giovanetti. **Metodologias inovadoras para o empoderamento social**. 1 ed. Recife: EDUFRPE, 2013.

FLORIDA, Richard. **A Ascensão da Classe Criativa**. São Paulo: L&PM Editores, 2005.

FRANCO, Augusto de. **Porque precisamos de desenvolvimento local integrado e sustentável**. 2ª Ed. Brasília: Instituto de Política, 2000.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 8ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da modernidade**. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HARTLEY, John. **Creative Industries**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

HESMONDHALGH, David. **The cultural industries**. 3ª ed. London: SAGE, 2007.

HOHLFELDT, Antônio. Novas tendências nas pesquisas da Folkcomunicação: pesquisas acadêmicas se aproximam dos estudos culturais. In: **Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**. Salvador: Intercom, 2002.

HOWKINS, John. **The Creative Economy**: how people make money from ideas. USA: Penguin Books, 2001.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

JARA, Carlos J. **As dimensões intangíveis de desenvolvimento sustentável**. Brasília, IICA, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

LOPES FILHO, Boanerges Balbino; et al. **A Folkcomunicação no limiar do século XXI**. Juiz de Fora: EUFJF, 2012.

LUCENA FILHO, Severino Alves de. **A festa junina em Campina Grande – PB: uma estratégia de folkmarketing**. João Pessoa: EDUFPB, 2007.

_____. **Festa Junina em Portugal: marcas culturais no contexto do folkmarketing**. João Pessoa: EDUFPB, 2012.

MAIA, Sabiniano. **ITABAIANA: Suas Histórias, Suas Memória – 1500-1976**. Itabaiana, 2015.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e Cultura Popular: história, taxionomia e metodologia**. São Paulo, 2008.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MESQUITA, André Luiz. **Insurgências Poéticas: arte ativista e ação coletiva (1990-2000)**. 2008. 429 fl. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

MIGUEZ, Paulo. **Economia Criativa: uma discussão preliminar**. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (Org.). **Teorias & políticas da cultura. Visões Multidisciplinares**. Salvador: EDUFBA, 2007.

MORAES, Eneida de. **História do carnaval carioca**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

MOZART, Fábio. **Artistas de Itabaiana**. João Pessoa: Imprell, 2014.

NEWBIGIN, John. **A Economia Criativa: um guia introdutório**. Reino Unido: British Council, 2010.

OLIVEIRA, Francisco de. **Aproximações ao enigma: que quer dizer desenvolvimento local.** São Paulo: Polis / FGV, 2001.

ORLANDO, Otávio. **Itabaiana – Seus Valores e Seus Amores.** João Pessoa: Sal da Terra, 2010.

PAIVA, Edna Martins de. **Itabaiana de Meus Tempos: Memórias.** João Pessoa: Arpoador, 2001.

PALHANO, Romualdo Rodrigues. **Eu e a Rainha do Vale: de menino a rapazinho.** João Pessoa: Sal da Terra, 2012.

_____. **Fronteiras entre o palco e a tela: Teatro na Paraíba: 1900-1916.** João Pessoa: Sal da Terra, 2010.

_____. **ITABAYANNA – Entre Fatos e Fotos.** João Pessoa: Sal da Terra, 2014.

PAZERA JUNIOR, Eduardo. **A FEIRA DE ITABAIANA – PB: PERMANÊNCIA E MUDANÇA.** 2003. 201 fls. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

PUTNAM, Roberto D. La comunidade próspera. El capital social y la vida pública. In: HERREROS, Francisco; FRANCISCO, Andrés de (Comps.). **Capital Social.** Zona Abierta, 2001.

QUIRINO, Jessier. **Paisagem de Interior.** Recife: Bagaço, 1996.

QUIRINO, Jessier. **Papel de Budega.** Recife: Bagaço, 2013.

REIS, Ana Carla Fonseca; DEHEINZELIN, Lala. **Cadernos de Economia Criativa: Economia Criativa e desenvolvimento local.** SEBRAE, 2008.

SCHMIDT, Cristina. Artesanato: mídia popular e o lembrar comunitário. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, Ano 15 n.15, p. 121-128 jan/dez. 2011.

SCHMIDT, Cristina. **Folkcomunicação na Arena Global: Avanços Teóricos e Metodológicos.** São Paulo: Ductor, 2006.

STIEL, Waldemar Corrêa. **História dos Bondes e Trólebus e das cidades onde eles trafegaram.** São Paulo: Pini, 1984.

TAUK SANTOS, Maria Salett. Comunicação rural – velho objeto, nova abordagem: mediação, reconversão cultural, desenvolvimento local. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; FRAUMEIGS, Divina; TAUK SANTOS, Maria Salett (Org.). **Comunicação e informação: identidades e fronteiras.** São Paulo: Intercom; Recife: Bagaço, 2000.

THROSBY, David. **Economics and Culture.** Cambridge: Syndicate of The University of Cambridge, 2001.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **O Ativismo Midiático da Rede Folkcomunicacional**. 2005. Disponível em: <bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-ativista-midiatico.pdf>. Acesso em: 30/03/2013.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Quando a televisão vira outra coisa**: As estratégias de apropriação das redes de comunicação cotidianas em São José de Espinharas – PB. 2004. 351 fl. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004.

UNCTAD – Conferência das Nações Unidas para Comércio e desenvolvimento. **Relatório de economia criativa 2010**. Nações Unidas, 2010.

UNESCO. **Marco de Estadísticas Culturales de la UNESCO 2009**. Montreal: Instituto de Estadísticas da UNESCO, 2009.

VIEIRA, Teresa de Jesus Batista. **Artivismo: Estratégias artísticas contemporâneas de resistência cultural**. 2007. 130 fls. Dissertação (Mestrado em Arte Multimédia) – Universidade do Porto. Porto, 2007.

5 ARTIGO CIENTÍFICO

Artivismo nas Redes Folkcomunicacionais: um estudo sobre o Desenvolvimento Local na Cidade de Itabaiana – PB

Artivismo en Redes Folkcomunicacionais: un estudio sobre el desarrollo local en la ciudad de Itabaiana – PB

Artivismo in Networks Folkcomunicacionais: a study on Local Development in the city of Itabaiana - PB

Eudo Jansen Neto¹ (Brasil)

Universidade Federal Rural de Pernambuco

eudojansen@hotmail.com

Severino Alves de Lucena Filho² (Brasil)

Universidade Federal Rural de Pernambuco

recifrevo@uol.com.br

Resumo

Analizamos o papel dos Artivistas no processo de construção do Desenvolvimento Local na cidade de Itabaiana – PB. Buscamos entender como os processos da cultura popular podem contribuir com esta dinâmica. O método utilizado foi o estudo de caso, analisando as práticas de Jessier Quirino, poeta matuto e Fábio Mozart, poeta e cordelista. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas e anotações das observações. A partir das análises identificamos cinco pontos como essenciais no processo de construção do Desenvolvimento Local: Linguagem, Reconhecimento, Sentimento de Pertença, Memória e Arte na construção do Discurso. Com isso, concluímos que o papel dos Artivistas na construção do Desenvolvimento Local é formar futuros possíveis a partir da mobilização fomentada a partir da sua arte.

Palavras-chave: Desenvolvimento Endógeno. Comunicação Cotidiana. Artivismo.

Resumen

Se analiza el papel de Artivistas en el proceso de desarrollo local de la construcción en la ciudad de Itabaiana - PB. Tratamos de entender cómo los procesos de la cultura popular

¹ Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e Pesquisador do Grupo Folkcomunicação e Discursos Organizacionais (UFPB).

² Pós-Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade de Avieiro e Professor do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da UFRPE. Membro da Rede Folkcom

pueden contribuir a esta dinámica. El método utilizado fue el estudio de caso, el análisis de las prácticas de Jessier Quirino, poeta cateto y Fabio Mozart, poeta y cordelista. Los datos fueron recolectados a través de entrevistas y notas semi-estructurados de las observaciones. A partir del análisis se identificaron cinco puntos esenciales en el desarrollo del proceso de construcción Ubicación: Lenguaje, el reconocimiento, sentido de pertenencia, la memoria y el Arte en la construcción del discurso. Por lo tanto, llegamos a la conclusión de que el papel de la construcción Desarrollo Artivistas local es entrenar posible futuro de la movilización promovida desde su arte.

Palabras clave: Desarrollo endógeno. la comunicación diaria. Artivismo.

Abstract

We analyze the role of the Artivistas in the process of construction of Local Development in the city of Itabaiana - PB. We seek to understand how the processes of popular culture can contribute to this dynamic. The method used was the case study, analyzing the practices of Jessier Quirino, poet matuto and Fábio Mozart, poet and draftsman. Data were collected through semi-structured interviews and observation notes. From the analysis we identified five points as essential in the process of building Local Development: Language, Recognition, Sentiment of Belonging, Memory and Art in the construction of the Discourse. With this, we conclude that the role of the Artivistas in the construction of Local Development is to form possible futures from the mobilization fomented from their art.

Keyword: Endogenous Development. Daily Communication. Artivismo.

Introdução

O presente estudo analisa o papel dos Artivistas na (re)construção do Desenvolvimento Local da cidade de Itabaiana – PB, sob a perspectiva da importância da cultura popular como elemento essencial neste processo.

Itabaiana – PB é uma cidade da mesorregião do Agreste paraibano, que possui cerca de 25.000 habitantes e localiza-se a 81 km da Capital João Pessoa. A cidade é sede da região metropolitana que leva o seu nome, sendo composta por 12 municípios, que juntos formam a 5ª maior econômica, das 14 que compõem o Estado.

Os cidadãos de Itabaiana – PB já vivenciaram uma experiência de progresso e desenvolvimento, que teve o seu auge entre as décadas de 1950 e 1980. Atualmente, pela ausência de políticas e de oportunidades, a população experimenta contingenciamentos na educação, saúde, geração de emprego, bem-estar e, sobretudo na cultura. Por estas razões, o patrimônio histórico e cultural, bem como a vida e obra dos filhos itabaianenses, estão sendo

desconsiderados e até desperdiçados enquanto matéria prima capaz de gerar capital e promover o Desenvolvimento Local.

Sendo assim, destacam-se no cenário local alguns atores sociais que vem lutando e se empenhando no resgate, conservação, valorização, e na missão de dar visibilidade a este patrimônio local, criando através dele oportunidades de identificação com o local, sentimento de pertença, autoestima, geração de capital humano e social, crescimento sociocultural e por fim geração de emprego e renda.

Diante disto, mapeamos as práticas folkcomunicacionais existentes em Itabaiana – PB, realizando através delas uma análise do papel dos Artivistas e entendendo qual a sua contribuição para a promoção do Desenvolvimento Local, com vistas a responder o seguinte questionamento: Qual o papel dos Artivistas das Redes Folkcomunicacionais no processo de (re)construção do Desenvolvimento Local em Itabaiana – PB?

Justificamos este estudo pela necessidade de entender os processos que contribuem para o Desenvolvimento Local, com destaque para a inclusão de um novo conceito, o Artivismo, frente aos estudos já desenvolvidos nesta área. Esperamos com isto contribuir para o avanço da fronteira do conhecimento e o entendimento de novas ferramentas que promovam o desenvolvimento a partir das potencialidades locais.

Folkcomunicação: Conceito e Taxionomia

A Folkcomunicação é, senão uma teoria inovadora nas pesquisas de comunicação na América Latina. Seu principal objeto de estudo busca entender as relações fronteiriças entre a cultura popular (Folclore) e a comunicação de massa (*mass media*). Enquanto o folclore se ocupa de entender o conjunto de costumes preservados por um povo, a Folkcomunicação visa decodificar mensagens emitidas na comunicação de massa e ressignifica-la para recepção das culturas populares (MARQUES DE MELO, 2008).

Inicialmente Beltrão (2014) entende a Folkcomunicação como um processo de mediação nas relações entre a cultura de massa e a cultura popular. Todavia, num movimento de atualização da teoria, Hohlfeldt (2002) nos ensina que a Folkcomunicação estuda os processos comunicativos através dos quais a cultura popular ganha visibilidade e interage com outras cadeias comunicativas, além das trocas e apropriações que ocorrem nas relações com a cultura de massa.

Para que estas relações entre massivo e popular acontecesse, Beltrão (2014) acreditava no protagonismo dos agentes folk inseridos nas comunidades marginalizadas, sobretudo nas rurais como no caso deste estudo. Estes agentes são atores sociais, que gozam da confiança local, porém transitam com desenvoltura no espaço global.

Esta perspectiva da relação entre cultura erudita e cultura popular, bem como a ação dos agentes folk na interpretação dos conteúdos da cultura massiva, foi o mote das primeiras pesquisas nesta área da comunicação.

Contudo, nestes pouco mais de 40 anos de história, a Folkcomunicação avançou sua fronteira teórica e metodológica, se mostrando uma teoria dinâmica e multifacetada capaz de interagir com diversas áreas e concepções teóricas. Em face disto, os seguidores de Beltrão ampliaram os seus olhares sobre os novos fenômenos que estão interconectados aos processos de comunicação popular a exemplo da gastronomia, do marketing, do turismo e da política (MARQUES DE MELO, 2008).

Assim sendo, nos valemos do esquema feito por Marques de Melo (2008) para apresentar aos pesquisadores a classificação dos gêneros e formatos folkcomunicacionais, como forma de orientar nossa pesquisa de campo e contribuir com a validação das múltiplas segmentações da disciplina Folkcomunicação.

Abaixo apresentaremos um quadro apenas com as principais expressões encontradas em nosso percurso de pesquisa, visto que aqui não cabe retratar toda a taxionomia proposta pelo autor.

Quadro 7 - Taxionomia da Folkcomunicação

<i>Gênero</i>	<i>Formato</i>	<i>Tipo</i>
<i>Folkcomunicação oral</i>	<i>Canto</i>	Aboio
	Música	Moda de Viola
	Prosa	Lenda
	Verso	Cantoria
	Colóquio	Conversa Fiada
	Zombaria	Anedota
	Reza	Ladainha
<i>Folkcomunicação visual</i>	Impresso	Almanaque de Cordel, Literatura de Cordel, Xilogravura Popular.
	Pictográfico	Legenda de Caminhão
<i>Folkcomunicação icônica</i>	Devocional	Ex-Voto
	Diversional	Brinquedo Artesanal
<i>Folkcomunicação cinética</i>	Agremiação	Comunidade de Base, Mutirão, Escola de Samba.

	Celebração	Afoxé, Candomblé, Procissão, Peregrinação.
	Distração	Circo Mambembe, Mamulengo, Pelada de várzea, Vaquejada, Quermesse.
	Manifestação	Campanha, Comício, Desfile, Queima de Judas.
	Folguedo	Folia de Reis, Maracatu, Bumba-meu-Boi, Pastoril.
	Festejo	Carnaval, Festa Cívica, Festa da Padroeira, Festa do Divino, Forró.
	Dança	Coco de Roda, Ciranda, Quadrilha, Xaxado.
	Rito de Passagem	Velório

Fonte: Pesquisa Direta, adaptado de Marques de Melo (2008)

Fundados no entendimento da ideia seminal de Beltrão (2014) e com um olhar atento para classificação apresentada por Marques de Melo (2008) iremos tecer as cadeias de relacionamento da disciplina com o Artivismo, Economia Criativa e Desenvolvimento Local.

Capital Social e Desenvolvimento Local: Faces da Mesma Moeda

“Cidade desenvolvida é cidade boa para se viver e não cidade grande”. É com essa máxima empunhada por Franco (200, p.35) que apresentamos o ponto de vista deste trabalho quando se fala em desenvolvimento.

O fator econômico/financeiro foi considerado durante muito tempo como o principal pilar do desenvolvimento e crescimento dos Estados-Nação. Com isso, as demais variáveis eram consideradas periféricas e consequências da primeira.

Para quebrar esta visão equivocada, o Desenvolvimento Local apresenta um olhar sistêmico considerando cada particularidade e os diversos fatores capazes de influenciar no desenvolvimento das localidades (FRANCO, 2010). O equilíbrio dos capitais – Humano, Social, Financeiro e Cultural – em função das potencialidades endógenas é que promove de forma única o desenvolvimento de cada local.

Porém, é necessário distinguir uma destas variáveis, não por importância, mas por sua função no processo de sustentabilidade do desenvolvimento. Tal variável é o Capital Social. A partir do acúmulo deste capital a localidade adquire capacidade de sair da zona de

conforto e se mobilizar para encontrar soluções às demandas cotidianas. Num movimento centrífugo, o local modifica as suas relações internas e reverbera as mudanças nas relações externas (FRANCO, 2010).

Neste contexto, as expressões da cultura popular servem como redes localizadas de produção do Capital Social. A organização e a cooperação que são exercitadas nestas expressões forjam uma identidade local que evolui a trama do tecido social da comunidade e a torna capaz de reverberar as principais características que levam ao desenvolvimento.

Ou seja, as expressões da cultura popular alçam a condição de ferramentas para produção do Capital Social por estarem intimamente ligadas as relações e mediações construídas entre os atores sociais locais. Estas relações acabam amadurecendo e criando pilares como a confiança, reconhecimento e busca do benefício mútuo (PUTNAM, 2001).

A relação fronteira entre Capital Social e Desenvolvimento Local começa a ser descortinada neste trabalho, a partir do entendimento que as trocas simbólicas ocorridas nas expressões da cultura popular podem servir como combustível para criação de uma base sólida de atuação com vistas ao desenvolvimento das comunidades (FRANCO, 2010).

Artivismo: Arte Política ou Política da Arte?

O surgimento do neologismo Artivismo é marcado por dois momentos importantes da sociedade brasileira. O primeiro momento está nos movimentos sociais de contracultura dos anos 1960, a exemplo dos hippies, Black Power, LGBTs, que buscavam formas alternativas de contestar os padrões sociais vigentes. O segundo momento eclode na década de 1990 com o advento da internet, servindo como um canal de comunicação onde os ativistas desfrutavam de certa liberdade para pautar os seus temas e anseios (CHAIA, 2007).

Contudo, nos atrevemos a apresentar uma nova ressignificação para o termo e trazê-lo para o campo das relações entre a cultura e a comunicação popular. Para que fique claro o que se pretende com esta nova ótica trazemos o conceito das duas palavras que juntas formam o neologismo:

Arte: “4 Execução prática de uma ideia; 5 Saber ou Perícia em empregar meios para conseguir um resultado; 10 Profissão, Ofício”. Artivismo: “Atividade de quem participa ativamente na vida política e social” (DICIONÁRIO DA LINGUA PORTUGUESA, 2015).

Ou seja, aqui apresentamos o Artivismo como sendo a arte enquanto ofício de vida e sobrevivência servindo como instrumento de protesto pelas condições vivenciadas por si ou pela comunidade em que está inserido.

As expressões da cultura popular se enquadram perfeitamente neste contexto de arte como forma de sobrevivência, onde cada peça produzida, cada serviço prestado e cada apresentação feita, conta uma história de vida capaz de expressar as necessidades do artista e da comunidade em que ele está inserido.

Neste sentido, a importância do Artivismo está em provocar mudanças sociais, servindo de canal para conscientização da comunidade através de suas próprias expressões, alertando sobre determinadas realidades e fomentando o pensamento crítico sobre elas (BORDIN, 2013).

Ou seja, a prática do Artivismo, como sugere a junção dos verbetes arte e ativismo, constitui-se em um discurso gerador de opinião nas cadeias de comunicação cotidiana, com o objetivo de mobilizar pessoas em torno de questões de relevância da vida social, tendo como fim a mudança das condições de contingenciamento vividas pelas culturas populares.

O Método

O desafio daqueles que escolhem enveredar nas pesquisas sobre Folkcomunicação é encontrar os passos, ferramentas e dinâmicas que se adequem as vivências da cultura popular, seu principal objeto de estudo. Para Schmidt (2011) a postura destes pesquisadores se diferencia dos demais por trata-se de um campo da comunicação que fica a margem dos grandes processos comunicativos.

Pensando neste contexto escolhemos seguir os conselhos de Beltrão (2001) e buscar as informações para o presente estudo onde ele acredita ser o local mais adequado, junto ao povo, pois foi necessário levar em consideração valores e sentidos decorrentes das manifestações culturais da cidade de Itabaiana – PB.

Isto nos faz classificar a pesquisa como de natureza qualitativa, por levar em consideração a complexidade da cultura, e como exploratória, por buscar levantar informações do campo da cultura popular itabaianense, mapeando as suas manifestações, bem como criando uma aproximação necessária ao estudo dos seus diversos aspectos (GIL, 2010).

Delineamos a pesquisa nos moldes do estudo de caso por tratar-se de uma investigação que buscou compreender, a partir do caso concreto das expressões da cultura

popular da cidade de Itabaiana – PB, as dimensões econômicas, comunicacionais e sociais no processo de Desenvolvimento Local.

Como forma de instruir nosso caminho de investigação, dividimos os esforços em quatro etapas, onde duas delas foram teóricas e documentais e as outras duas foram de vivência e observação contemplando um momento de trocas simbólicas com o povo da cidade.

Tabela 1 - Divisão das Etapas da Pesquisa e Seus Sentidos

Etapa	Momento	Sentido
1	Documentação	Informações históricas, curiosidades, destaques e notícias sobre a cidade e sobre os Artivistas estudados; levantamento teórico sobre Economia Criativa, Folkcomunicação, Ativismo e Desenvolvimento Local.
2	Experiência de Campo	Momento de observação geral sobre os aspectos do problema proposto; também observamos as dinâmicas das vivências dos Artivistas envolvidos com o tema.
3	Observação	Ampliação da etapa anterior, onde captamos cheiros, sabores, sons, falas, modo de vida, de pensar, de agir, de se relacionar, buscando uma visão para além do que estava dito nas expressões da cultura popular local.
4	Análise de Dados	Esta fase foi dedicada a um análise qualitativa, aberta, de exploração dos sentidos, onde o pesquisador imergiu nos dados como quem revive uma história e buscou tecer de forma isenta, porém nem sempre impessoal, o relatório das respostas buscadas no problema e nos objetivos.

Fonte: Pesquisa Direta

Quanto as técnicas de pesquisa empregadas, nos valemos da observação direta, quase sempre participante, onde tecemos um diário de vivências para tomar nota de tudo aquilo que nos chamava a atenção. Optamos também pela aplicação de entrevistas semiestruturadas com alguns atores sociais de destaque, norteando os questionamentos nas teorias estudadas, buscando o aprofundamento naquilo que ficava nas entrelinhas e captar o não dito.

Como Itabaiana – PB é um local de efervescência cultural e afloram muitas manifestações da cultura popular, não foi fácil a escolha de quais os atores sociais representariam este estudo. Tendo isto em vista, elencamos três características que seriam os filtros para escolha, quais sejam, (1) ter um trabalho ligado a cultura popular, (2) estas ações gerar algum tipo de capital (humano, social, ambiental, financeiro) e (3) o resultado de seus

trabalhos contribuírem de alguma forma para mudar a vida da comunidade local. Assim chegamos aos seguintes escolhidos:

Tabela 2 – Atores Sociais Observados e Analisados

Nome	Idade	Profissão	Taxionomia Folk
Fábio Mozart	61	Jornalista	Cinética e Visual
Jessier Quirino	62	Poeta Matuto	Oral e Cinética

Fonte: Pesquisa Direta

A partir destas observações e entrevistas foi possível analisar questões simbólicas, como participação, costumes crenças, atitudes, valores e motivações. Este processo de análise foi articulado com as dimensões propostas para o estudo, quais sejam Linguagem e Símbolos, Reconhecimento, Imaginário e Memória, Sentimento de pertença e Arte na construção do discurso.

ANÁLISES E DISCUSSÕES

Neste estudo abordamos o Artivismo como um elemento de construção do Desenvolvimento Local na cidade de Itabaiana – PB. Os aspectos que foram observados envolvem a arte enquanto ofício de sobrevivência como um instrumento de protesto frente as condições de contingências vivenciadas. Dessa forma buscamos entender qual o papel dos Artivistas na (re)construção do Desenvolvimento Local da cidade de Itabaiana – PB.

Para tal, levantamos os atores sociais de destaque na cidade com vistas a entender como se dão as relações entre eles e os demais cidadãos e como estas relações são capazes de mobilizar pessoas para modificar a realidade vivida. Em nossa pesquisa encontramos 22 (vinte e dois) atores sociais que tem sua arte ou saber-fazer ligado a história e luta da cultura popular itabaianense. Dentre eles selecionamos dois para compor o *corpus* da nossa pesquisa. Os escolhidos foram Jessier Quirino e Fábio Mozart tomando como norte a representatividade e reconhecimento de seus trabalhos, dentro e fora da cidade.

Fundado nos elementos identificados nas entrevistas e nas análises feitas sobre as observações, agrupamos os resultados conforme Matriz de Análise Qualitativa – MAQ abaixo, a partir da qual nortearmos nossas discussões:

Tabela 3 - Matriz de Análise Qualitativa - MAQ

Categoria	Teoria Relacional	Pergunta de Pesquisa
Linguagem e Símbolos	Folkcomunicação	Qual o papel dos Artivistas na (re)construção do Desenvolvimento Local da cidade de Itabaiana – PB?
Reconhecimento	Folkcomunicação	
Imaginário e Memória	Folkcomunicação	
Sentimento de pertença	Desenvolvimento Local	
Arte na construção do discurso	Artivismo	

Fonte: Pesquisa Direta

Caso 1 – Jessier Quirino: o arquiteto das palavras

Jessier Quirino é um jovem senhor de 62 anos de idade, nascido em Campina Grande, interior da Paraíba, e radicado na cidade de Itabaiana – PB há mais de 30 anos. Se diz um itabaianense por adoção. A cidade entra em sua vida em meio a sua jornada acadêmica, conforme o mesmo relata:

Eu me mudei para Recife, fui estudar em Recife, depois voltei para Campina Grande que eu passei no vestibular de Engenharia, depois foi que me mudei pra João Pessoa pra fazer Arquitetura. Na escola de Arquitetura eu conheci minha mulher, que é arquiteta também de formação; o nome dela é Enedina e nós chamamos de Doró e somente em João Pessoa que eu a conheci; e namoramos na faculdade e depois me casei em 1980 e me mudei para Itabaiana em 1983 (Jessier Quirino em entrevista em 2016).

Apesar da sua formação em Arquitetura, Jessier sempre teve uma inclinação para as artes, sobretudo para a poesia. Foi através dela que Jessier conseguiu forjar sua personalidade e encontrar seu espaço enquanto cidadão e ator social. Sentimos isto ao o ouvirmos falar que:

Sempre tive, assim, um certo interesse por essas coisas regionais, as coisas de natureza campeira, as coisas do mato, até mesmo para usar como uma arma, que eu usava na adolescência, na infância, que era de superar a minha timidez, impondo talvez um verso, talvez um caso, uma história, com inflexão e força; com isso eu conseguia manter um certo respeito diante de colegas que eram bem mais velhos do que eu. A partir daí que nasceu talvez esse meu interesse pela poesia. Eram declamações que eu fazia de outros poetas, depois eu passei a fazer a minha própria poesia (Jessier Quirino em entrevista em 2016).

Contudo, neste processo de construção de sua identidade, o poeta teve a influência de diversas figuras que lhe serviam de espelho e exemplo, lhe ajudando na composição de

imagens, versos, situações e vivências, que até então lhe pareciam distantes. Ele nos conta de uma destas figuras:

Mas eu tive uma influencia boa e uma forte influencia de um amigo de infância; o nome dele é Ciço Galinha. E Ciço Galinha ele era filho de sertanejo; e ele ia para os sertões e voltava me contando essas histórias dos sertões; e ele era uma pessoa muito intima minha e amigo mesmo de bola de gude, inclusive ele tocava violão, eu já aprendi a tocar violão com ele, então eu tinha uma imagem do sertão muito romântica, porque era uma coisa que eu não alcançava e Ciço Galinha me mostrava todo esse universo; contando as idas e vindas dele nas férias e tudo mais (Jessier Quirino em entrevista em 2016).

Num segundo momento Jessier passa a conviver diretamente com o campo, o meio rural e todos os seus símbolos e sentidos. Isto serviu para que o mesmo pudesse contemplar e reconhecer tudo aquilo, que até então, era só imaginário. Vejamos a sua impressão:

Somente na adolescência é que eu passei a entrar em contato verdadeiramente com os sertões. Ai foi quando eu fui ver a lavadeira, foi quando eu vim ver a esperteza do matuto, a graça do matuto e tal; e tive também uma visão, assim, pra mim de muito valor, que foi o vaqueiro, pela primeira vez, paramentado, né? E vindo de uma pega de boi; que até então eu só via vaqueiro em exposição de animais em Campina Grande (Jessier Quirino em entrevista em 2016).

A partir deste contato direto com a vida do campo, que mais tarde se transforma em sua fonte de inspiração, Jessier começa a imprimir uma marca própria em sua poesia apostando numa linguagem própria e, sobretudo numa interpretação única.

Figura 37 – O pesquisador e Jessier Quirino ladeando uma geladeira antiga que faz parte da decoração regionalista de sua residência



Fonte: Pesquisa Direta

Linguagem e Símbolos

A construção da poesia matuta feita por Jessier Quirino está entranhada de valores, sentidos e símbolos que retratam de uma forma muito particular a vivência do meio rural. Porém, uma das marcas mais fortes que identificamos em sua poesia foi a linguagem. A utilização de expressões e sotaques tipicamente matuto torna-se uma estratégia intencional de aproximação com o público. Sobre isto o poeta nos diz que:

A marca Quiriniana ela tem um pouco de modernidade, tem um pouco de neologismo, tem um pouco de humor (Jessier Quirino em entrevista em 2016).

Esta impressão sobre sua habilidade em criar uma linguagem própria é compartilhada por aqueles que conhecem sua obra, como podemos ver nas palavras de Vicente Campos Filho, jornalista e cordelista:

Jessier Quirino ele consegue transformar com muita facilidade; ele transforma substantivo em verbo e vice-versa, ele consegue fazer esse jogo com as palavras. Através da poesia matuta ele consegue passar a mensagem do homem do campo, do matuto sertanejo, como ele fala. Jessier Quirino tem essa característica na poesia dele (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

Apesar de se tratar de uma linguagem campeira, informal, com certa deformação gramatical e considerada a margem da literatura formal, foi possível verificar a importância e o respeito que ele ganha pelo simbolismo que carrega, sobretudo quando se veste da interpretação imposta por Jessier Quirino em suas declamações. Em consonância com isto vejamos o que Marco di Aurelio, grande nome da cultura popular paraibana, nos fala:

Eu conheci ele num trabalho que ele fazia ainda convidado por bancos, por instituições, né? E aquela coisa inicial me apaixonou, porque era uma linguagem nova, uma linguagem ao mesmo tempo velha, porque era o nosso sentimento, mas numa apresentação e numa encadernação nova e de uma ótima apresentação. Ele tem um carisma e um jeito todo especial de colocar toda essa poesia para gente (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

A utilização de uma linguagem própria, baseada no dialeto matuto, como Jessier Quirino faz, reafirma o significado e importância que ela possui para aqueles cidadãos que se identificam, ou a tomam para si, como marca de uma identidade cultural que vai além do espaço rural e do campo, alcançando-os onde forem.

Neste sentido é válido reafirmar o pensamento de Beltrão (2014) quando defende que a Folkcomunicação é a utilização de elementos do folclore como instrumentos de comunicação nas cadeias cotidianas, criando meios próprios de entender e fazer-se entender.

Podemos dizer que a apropriação que Jessier faz da linguagem matuta para compor suas poesias e suas apresentações cria uma marca única capaz de distingui-lo dos demais poetas matutos, tornando-o uma referência simbólica tanto para as pessoas do campo que se deslocam de suas bases interioranas, como para a cidade de Itabaiana – PB, fonte de sua inspiração.

Reconhecimento

Apesar de ser uma pessoa retraída no seu cotidiano, Jessier Quirino goza de certo prestígio e reconhecimento dentro e fora dos limites da cidade de Itabaiana – PB. Isto porque, a sua obra e seu saber-fazer da poesia matuta desperta nas pessoas um sentimento de confiança e representação. Identificamos isso facilmente ao ouvirmos Dona Néu, amiga dele e moradora da cidade:

Ele adora Itabaiana, mais de que os próprios filhos de Itabaiana. Ele tem loucura para conversar com o povo da zona rural. Esse povo matuto. E acha o linguajar deles uma maravilha. Como eles falam. As coisas que ele prevê e acontece. E a sabedoria deles, morando na zona rural sem ter estudo nenhum. Então ele adora isso. Ele veio para aqui para Itabaiana. E o povo de Itabaiana tudo doido por ele, pelos versos que ele faz. Ele é arquiteto e trabalha para São Paulo, pra cima de São Paulo. É muito solicitado. Já foi para Fortaleza, Recife, São Paulo, para dar shows (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

O reconhecimento é um elemento importante para despertar o sentimento de pertença. Ele se reflete, internamente em sentimento de solidariedade e representatividade, como externamente em cultura local marcadora de particularidades que diferenciam um grupo social frente aos demais. Assim o foi com a poesia de Jessier Quirino. Vejamos a sua impressão sobre o tema:

Eu só vim obter uma exposição maior já na publicação do primeiro livro (*Paisagem de Interior*). A partir daí vem o boca a boca. E de lá pra cá não parei mais. Ai já foi segundo livro *Agruras da Lata D'água*, depois o terceiro foi um livro infantil (*Chapéu Mau e Lobinho Vermelho*), esse livro foi publicado, um livro infantil, depois um livro de política, que é um livro com fotografias de imagens que eu chamo de *gargalhativas*, com pichações de muro, que se chama *Política de Pé de Muro – o comitê do povão*, depois fiz o livro *Prosa Morena*, que atendendo a

pedidos e algumas ameaças, eu coloquei um cd no encarte, que era o que as pessoas muito pediam na saída dos recitais: “Você tem que gravar”. Porque eles me viam com muita força no palco e a leitura dessas pessoas depois era meio capenga. Então eu gravei o CD Prosa Morena e foi no encarte do livro. Esse aí foi a grande vitrine que abriu a minha poesia. Então, com o CD, esse CD desembestou-se de mundo a fora e daí não parei mais (Jessier Quirino em entrevista em 2016).

Podemos ver que o reconhecimento é, por excelência, uma responsabilidade adquirida junto ao grupo que se pertence, onde o outro passa a se entender como extensão do eu. Isto tece uma trama de valores sociais onde o grupo sobressai-se aos membros, ao mesmo tempo em que garante um lugar de destaque aqueles que se tornam sujeitos de voz e ação frente aos demais. Podemos sentir isto na fala de Adeildo Vieira, músico reconhecido nacionalmente e filho de Itabaiana – PB, ao reportar-se ao trabalho de Jessier:

Grande parte de nós que estamos nas capitais viemos dessas regiões que ele trabalha lá, que ele tira a sua inspiração. A gente se sente contemplado quando a gente resgata essas imagens, esses comportamentos da nossa ancestralidade e ao mesmo tempo se sente gratificado em saber que alguém diz para o mundo que esses códigos existem (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

Neste sentido, podemos dizer que a atitude de Jessier Quirino, através da sua poesia campeira, aproxima-se da reflexão de Beltrão (2014) sobre os comunicadores folk ao dizer que para atuarem como mediadores entre a comunicação de massa (global) e a comunicação do povo (local), estes agentes precisam ter um repertório cultural mais amplo que os demais componentes do grupo, porém necessitam gozar da confiança e de certo prestígio entre eles, para que este trânsito entre global e local ocorra com desenvoltura.

Imaginário e Memória

Nesta pesquisa, além de termos verificado o potencial da poesia matuta de Jessier Quirino no campo da Linguagem e dos Símbolos, bem como elemento na construção do Reconhecimento, constatamos a reprodução e permanência da história matuta e da vivência do campo em sua arte.

A transmissão da tradição por modo oral ainda é um dos métodos mais fortes quando tratamos de culturas populares e este elemento se faz presente na poesia Quiriniana com bastante força, sendo reconhecida como vemos na fala de Adeildo Vieira:

A poesia dele caminha dentro dos códigos da nordestinidade, que é uma coisa fantástica. Ele consegue recompor; por exemplo, eu que sou um camarada que nasci em Itabaiana; quando ele fala a poesia dele eu me remeto a minha infância, as imagens; ele cria imagens importantes, que nos faz, que nos remete a cena do modus vivendi, a emotividade e a maneira das pessoas serem no nordeste, sobretudo aquele nordestino lá do campo, né? Que a gente chama de matuto, né? (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

A característica comunicacional que se sobressai na poesia matuta feita por Jessier Quirino é a sua capacidade de criar um imaginário nos espectadores, levando-os de volta as bases e origens do campo, ou até colocando quem não conhece este cenário dentro da história como se o mesmo estivesse lá. Isso ficou cristalino ao ouvirmos *Bebé* de Natércio, poeta e cordelista, falar sobre Jessier:

Ele traz as imagens, ele faz fotografias do passado e remonta de uma maneira que até quem não conheceu e que não viveu aquele momento tem a sensação de que aquilo é real. Quer dizer, isso é a capacidade que ele tem do grande observador que ele é, de olhar as coisas transforma-las em verso e poesia e trazer dentro da história um olhar muito complexo, muito forte (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

Por outro lado, cabe assinalar a importância que esta construção do imaginário e relação da poesia matuta com a memória tem. A reverberação da história do matuto, do sertanejo, das lutas do povo do campo para resistir aos problemas cotidianos, compõe elementos comunicacionais de extrema importância nas cadeias de comunicação cotidiana. Eles enriquecem o processo de comunicação tornando-os representativos para memória social e para coletividade. Vejamos o que diz Oliveira de Panelas, poeta e violeiro nordestino:

O Jessier registra fatos na nossa história que não podem ser olvidados, são coisas indelévels, o nosso matuto criativo que ainda tem. São lembranças. Você procurar anular, eliminar, esses causos contados pelo Jessier é você tirar parte do corpo bonito de nossa história nordestina (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

Assim, não é aleatório pensar que Jessier Quirino cabe no pensamento de Beltrão (2014) que os comunicadores folk são por excelência fieis depositários da história de seu povo. Através de suas práticas, ao longo do tempo, são mantidos conhecimentos e vivências que atravessam gerações compondo o arcabouço das tradições e culturas locais.

Ora, na falta destes comunicadores do povo podemos dizer que um legado muito importante deixado pelos matutos sertanejos – seus saberes, suas práticas e crenças – podem se perder com o tempo levando a construção ilusória de um passado, que reflete diretamente nas perspectivas de futuro.

Sentimento de pertença

A construção de um pertencimento social está fundada nos laços de reconhecimento e compartilhamento de visões de mundo em comum. Isto faz com que os cidadãos se entendam como parte de um território comum e dividam valores e normas, encontrando na participação o seu papel social.

Foi possível verificar que a poesia de Jessier Quirino é capaz de promover nas pessoas este sentimento de pertença. O olhar daqueles que admiram seu trabalho deixa cristalino este entendimento, como vemos nas palavras de José Benjamim Filho, historiador:

Ele se inspira para fazer sua poesia exatamente daquilo que a gente chama do matuto, que é o homem do interior. Principalmente do interior nordestino, do interior da Paraíba, especialmente daqui da Paraíba, da região de Itabaiana (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

Um dos aspectos mais importantes para perceber e entender o sentimento de pertença é relativo ao local como uma fonte de inspiração na construção dos sentimentos de afeto com o lugar. Ora, se o lugar nos desperta o orgulho de fazermos parte dele, isto alicerça a permanência das relações no futuro. Concordando com isto, vejamos novamente a fala de José Benjamim Filho:

Itabaiana é um desses recantos brasileiros que permite uma fonte de inspiração maravilhosa. E Jessier Quirino sabe fazer isso muito bem. Mergulha na população itabaianense, mergulha no campo, no homem rural, no agricultor, no matuto e transforma isso em joias, em preciosidades da cultura brasileira, da literatura brasileira (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

O próprio Jessier Quirino nos fala sobre como o local é fonte para sua inspiração e como ele reconhece no cotidiano da cidade de Itabaiana – PB elementos que geram o sentimento de pertencimento nos cidadãos locais:

Eu sempre fui uma pessoa muito reservada, até mesmo essas minhas pesquisas, esse meu poder de observação, eu faço sem que [...] muitas vezes quando eu faço um texto; eu já fiz textos aqui, sobre acontecimentos aqui de Itabaiana e as pessoas de repente faz: “que danado Jessier consegue aquilo”? Eu observo, mas não sou de me expor, não sou de tá indo conversar com as pessoas, sabe? É uma coisa assim, meio mágica. De observar mesmo. E nesse primeiro andar aqui, que daqui de cima eu vejo muita coisa, né? Essa coisa do *Comício de Beco Estreito* (nome de uma de suas poesias), eu fiz daqui, entendeu? (Jessier Quirino em entrevista em 2016).

Ressaltamos que a dimensão simbólica é ponto importante para construção do local. Cada cidadão identifica-se com o local a partir de valores e símbolos que ganham destaque pelo seu uso cotidiano. Reforça-se isto ao ouvirmos Jessier falar que:

Aqui em Itabaiana eu vivo assim, eu vivo dentro de casa, literalmente dentro de casa, saio pouco. As vezes que saio é já com o alvo, a venda de Zé Galego sempre foi, assim, um ponto de[...] uma fonte muito forte pra mim de elementos dessa nordestinidade (Jessier Quirino em entrevista em 2016).

E Zé Galego, dono da bodega, confirma a relevância que este sentimento de pertença desperta na comunidade. Vejamos sua fala:

Ele procura fazer mesmo; num sei se você já assistiu algum show dele; aquele negócio matuto mesmo. Fala com aquilo; é difícil a gente encontrar uma pessoa que faça aquele resgate da vida matuta com o jeito que Jessier fala. Já botou até essa bodega aqui numa das poesias dele (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

Quanto maiores forem as ligações afetivas e simbólicas, maior será o sentimento de pertença dos cidadãos da localidade. Este sentimento, por sua vez, alimenta e preserva a coesão das pessoas do local, isto porque, o homem é por natureza um ser social.

O sentimento de pertença surge das relações sociais construídas entre as pessoas do lugar. Estas relações cotidianas, por sua vez, criam um ambiente de afetividade e uma identidade local. Identidade esta, que diferencia cada localidade no contexto globalizado em que vivemos. Jessier reafirma isto ao dizer que:

Eu já fiz recitais no sertão, lá no sertão junto do matuto e já fiz recitais na capital. O público da capital ele se emociona mais. Ele largou as bases interioranas e está na capital estudando ou trabalhando. Então quando eles me veem declamar eles se emocionam muito, muito mesmo (Jessier Quirino em entrevista em 2016).

Visto tudo isso, podemos afirmar que o sentimento de pertença é um dos elementos essenciais para se promover o Desenvolvimento Local uma vez que ao criar laços fortes entre o indivíduo e a cultura, crenças, valores e estilo de vida do local, fomenta o interesse deste em participar das cadeias decisórias sobre o futuro do grupo social. Quando lembramos dos ensinamentos de Franco (2000) de que a força endógena é a principal característica do Desenvolvimento Local, reconhecemos o quanto se faz importante o interesse em participar da formulação e decisão das políticas para melhoria do local.

Quando percebemos que um local como Itabaiana – PB consegue despertar a afetividade de seus cidadãos e dentro destes encontramos o reconhecimento daquele lugar como seu, ampliamos as possibilidades de mobilização da população em torno das questões comuns para melhorar a qualidade de vida no local.

Por isso, entendemos que o sentimento de pertença, aliado as características endógenas, convergindo a população para ações coesas, torna-se um aspecto estratégico para o sucesso das políticas de Desenvolvimento Local.

Arte na construção do discurso

O Artivismo é um neologismo composto pela junção das palavras arte e ativismo, que invoca a tênue e clássica ligação entre a arte e a política. Seu conceito ainda é de difícil consenso seja no campo das artes, seja nas ciências sociais. Seu principal objetivo é discutir os destinos potenciais da arte, seja poética ou performativa, produzida por pessoas ou coletivos com finalidade de resistir ou protestar pelas suas causas.

A natureza estética e simbólica da poesia matuta de Jessier Quirino nos remete para esta essência de protesto e resistência, sobretudo quando avaliamos o aspecto performativo das apresentações dele. A sua presença de palco, sua entonação de voz, o sotaque, as palavras, mostram de forma clara e lúdica um matuto cheio de esperteza e lucidez para lidar com situações de dificuldade cotidiana e tudo com um toque de humor. Vejamos o que Beto Brito, músico popular reconhecido nacionalmente, diz:

Eu um dia disse para o Jessier que só falta ele dançar no palco, mas ele é completo, ele é perfeito. O que me admira muito na postura dele como artista é a forma teatral que ele usa nas declamações dele ao vivo. Ele consegue mostrar arte no teatro. Ele consegue ser um ator e ao mesmo tempo um declamador, ao mesmo tempo um poeta. Eu acho que Jessier é um artista completo, que não falta mais nada nele (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

Equacionando a relação entre arte e política, Jessier encontra no discurso e na declamação a dimensão política de sua poesia. Ele mesmo reconhece o peso da palavra, do discurso, do texto e da interpretação na construção de um significado para seu saber-fazer, a poesia matuta. Vejamos a sua impressão:

Venho fazendo uma poesia campeira, digamos, respeitosa às nossas tradições e de forma renovada; além, claro, de outros ensaiozinhos poéticos, músicas e textos com

uma marca muito pessoal. O fato é que, de uma hora pra outra, vi minha casinha de duas águas entre mansões literárias e sendo discutida em roda acadêmica, sala de aula, e eu próprio defendendo a causa a golpes de declamações por todo o país, em teatros, saletas e salões. Percebo, entre os ouvintes, um sentimento de ser sua própria voz embutida num poema, num caso, num gesto e isso aumenta minha carga de responsabilidade. Penso, talvez, que seja mais uma bandeira hasteada em defesa das nossas riquezas matutas (Jessier Quirino em entrevista em 2016).

O Artivista está no centro das relações sociais de seu lugar, ou seja, faz a interseção entre a dimensão da luta e protesto com a responsabilidade como ator social mediador dos conflitos imediatos. Portanto, torna-se essencial no exercício do ativismo o reconhecimento do outro e crítica as condições postas no local. Nesta relação de envolvimento social diminui-se a autonomia da arte, a medida que aumenta a sua relação direta com o discurso político e ético. Sobre isto vejamos a impressão de Marco di Aurélio:

Tem uma coisa a ser observado no trabalho de Jessier Quirino que é na questão da memória. Então a memória eu poderia ver de dois lados: a memória dele como capacidade de decorar, de guardar imensos trabalhos, sem precisar da leitura, só de memória mesmo; e essa coisa linda, que é o domínio que ele tem sobre essa coisa bonita da tensão poética, daquela coisa emocional que ele coloca com tudo aquilo guardado na memória que ele tem que é excelente. E eu ainda olharia o lado da memória histórica, ou seja, a resistência da poesia nordestina, sendo conservada, sendo guardada e sendo exposta e distribuída do jeito que ele distribui (Entrevista concedida a Simone Almeida e Sabrina Gomes).

O que podemos afirmar é que a cultura popular, em especial a poesia matuta no caso de Jessier Quirino, coloca o ativismo como uma realidade política que busca modificar as relações do local e do global no contexto das contingências vivenciadas. Podemos entender a arte como um instrumento sócio-político que perpassa desde a função educativa, pela formação da consciência crítica nos cidadãos, até a capacidade de mobilização. Podemos entender então o Artivista como um mobilizador das mudanças sociais futuras da localidade.

Caso 2 – Fábio Mozart, o Leão

Fábio Mozart é poeta, cordelista e rádio jornalista. Nascido em Timbaúba, cidade do interior pernambucano, chegou a Itabaiana – PB através dos trilhos do trem, pois era rádio telegrafista e havia sido transferido de comarca em seu trabalho.

Figura 38 – Este pesquisador recebendo das mãos de Fábio Mozart sua obra que conta a história dos principais nomes/lideranças de Itabaiana – PB



Fonte: Pesquisa Direta

Em lá se estabelecendo logo tratou de firmar suas bandeiras na luta pela cultura popular. Vejamos o que nos fala:

Quando vim de Pernambuco para tomar a Paraíba como minha terra adotiva, fui conquistado pela poesia popular, a manifestação mais viva da inteligência do Nordeste, que consagrou Catulo da Paixão Cearense e tornou eterno seu discípulo mais emérito, esse que ficou conhecido como ZÉ DA LUZ e deixou um dos testemunhos mais fiéis da tradição nordestina, em sua poesia singular, fazendo da vida simples do povo a alma e a morada de sua arte (Fábio Mozart em Entrevista em 2015).

A partir de então, destacou-se como um ativista comunicador ajudando a fundar diversos meios de comunicação, que tinham como norte o espaço de voz e fala para os que estavam marginalizados nos processos comunicativos. Foi o caso dos Jornais Timbaúba (Timbaúba – PE), Força de Expressão (Sapé – PB), A Folha (Itabaiana – PB), Alvorada de Itabaiana – PB, Alquimia do Verbo, Umari Notícias (Mari – PB), Tribuna de Mogeiro (Mogeiro – PB), O Monitor Maçônico, Boletim Informativo do Sindicato dos Ferroviários no Estado da Paraíba, Tribuna do Vale e Itabaiana Hoje.

É um militante da causa das rádios comunitárias por entendê-las como um importante instrumento de mobilização a partir da cultura popular. Entendemos isso quando ele expressa a seguinte opinião:

A rádio comunitária, como elemento de comunicação popular e democrática, tem como um dos seus mais importantes objetivos a difusão cultural e a preservação da cultura da região onde atua (Fábio Mozart em Entrevista em 2015).

Porém a ação de maior destaque desenvolvida por Fábio Mozart e que de fato interage diretamente com os objetivos deste estudo, é sua ação enquanto militante no Ponto de Cultura Cantiga de Ninar. O ponto de cultura surge a partir da Sociedade Cultural Zé da Luz, que tem por objetivo resgatar e valorizar a cultura popular como elemento de valor para cidade de Itabaiana – PB. A importância desta entidade é destacada em sua fala:

A Sociedade Zé da Luz evoluiu, criou um grupo de teatro, realizou palestras, concertos musicais, espetáculos de dança e teatro, enfim conseguiu nos anos em que se estabeleceu em Itabaiana, realizar levantes culturais que definitivamente ficaram na história sociocultural daquele município paraibano (Fábio Mozart em Entrevista em 2015).

As principais atividades desenvolvidas no Ponto de Cultura Cantiga de Ninar são a oficina de teatro, a escolinha de música, a biblioteca comunitária e os sarais que levam as ruas de Itabaiana – PB o que é produzido lá dentro. Está é uma forma de resistência frente aos interesses hegemônicos que não veem na cultura um capital para o desenvolvimento. A fala de Fábio Mozart nos dá uma dimensão clara disto:

Infelizmente vivemos em uma terra onde quem dispõe do poder sempre olha as coisas da cultura, não como o maior capital e riqueza de um país, mas como um instrumento perigoso que a ignorância, o preconceito e a estupidez de nossas classes dirigentes tratam de marginalizar (Fábio Mozart em Entrevista em 2015).

Outra forma de resistência utilizada por Fábio Mozart está na publicação, quase sempre independente, de seus livros. Grande parte de sua obra trata de heróis da história itabaianense, contadas através do formato de poesia de cordel, que enaltece os aspectos positivos destes atores sociais e das suas conquistas para melhoria e crescimento da cidade. O motivo deste resgate se dá pelo esquecimento que estas figuras foram acumulando ao longo do tempo, quiçá sendo conhecida pelo povo contemporâneo da cidade. São exemplos disto os livros *Manoel Xudu: O príncipe dos poetas repentistas*, *Biu Pacatuba: um herói do nosso tempo* e mais recentemente *As aventuras de Biu Penca Preta no reino da fuleragem*.

Na análise do caso de Fábio Mozart também estão presentes os elementos como reconhecimento e sentimento de pertença. A luta pelo resgate da história da cidade e a forma como ele trata os heróis do povo, nos remetem a um exercício de valorização da cultura popular itabaianense, como um capital de alto valor para projetos de desenvolvimento.

O elemento da memória também está fortemente presente, sobretudo na publicação de seus livros, que através da literatura busca imortalizar as histórias e vivências do povo itabaianense.

Assim como, podemos facilmente identificar os elementos do Desenvolvimento Local em suas ações, a partir da mobilização que ele faz, através do Ponto de Cultura Cantiga de Ninar, fomentando os jovens da cidade a entenderem e compartilharem dos valores da cultura popular local.

Por fim, entendemos que a utilização de elementos da cultura popular, nos processos de comunicação com o povo, como sugere a Folkcomunicação, também alimentam as ações artistas de Fábio Mozart. A partir dos elementos da cultura popular, Fábio protesta contra as condições de vida impostas a sociedade itabaianense, bem como se coloca como instrumento de luta para modificar esta realidade, mobilizando pessoas e fomentando nelas um pensamento crítico autônomo.

Considerações Finais

O que aqui se pretendeu foi responder qual o papel dos Artistas na (re)construção do Desenvolvimento Local da cidade de Itabaiana – PB. Para tal, observamos e analisamos as práticas e saberes-fazer de dois nomes reconhecidos da cultura popular local, Jessier Quirino e Fábio Mozart.

Através desta observação e análise foi possível identificar elementos, que com base na teoria proposta, mostraram a capacidade de mobilizar variados sentidos na população local. Os principais elementos identificados formam o Reconhecimento, Sentimento de Pertença, Símbolos e Linguagens, e A Arte na Construção do Discurso. Cada um destes elementos, a seu modo, contribuíram para elucidar algumas questões.

Verificamos que os códigos e linguagens são essenciais na construção de uma identidade local e que por sua vez facilita o processo de comunicação com as camadas mais populares. Vimos ainda que o reconhecimento e o sentimento de pertença são construções sociais fundadas na confiança e no sentimento de se ver no outro, o que contribui de forma decisiva para o fortalecimento do capital social.

Mas o que de mais relevante ficou, foi o avanço na fronteira do conhecimento, no campo da Folkcomunicação, ao ingressarmos com o conceito de ativismo, entendendo que os

elementos do folclore e da cultura popular exercem papel comunicativo, mas junto a isto, exerce um papel de protesto e resistência contra as contingências vivenciadas no cotidiano.

Com isso, concluímos que o papel dos Artivistas, sobretudo nas redes folkcomunicacionais, é de articulador e mobilizador do tecido social para encontrar espaços de luta e resistência, visando modificar a realidade vivida. São construtores de futuro possíveis impulsionando os locais a entenderem seus potenciais e guiando-os para projetos de desenvolvimento fundados em políticas viáveis e sustentáveis ao longo do tempo.

É claro que entendemos que esta resposta não é definitiva e esta longe de ser. As fragilidades que as comunidades marginalizadas têm e o receio de acreditar em projetos de desenvolvimento atrapalha o processo de construção deste cenário de Desenvolvimento Local proposto em nosso suporte teórico, porém temos a perspectiva de um caminho possível de ser alcançado.

Por fim, sugerimos que este tema possa ser expandido para outras análises empíricas e até visto sobre outras perspectivas como é o caso da Economia Criativa.

Referências

- BAIGORRI, Laura. **Recapitulando: modelos de ativismo (1994-2003)**. UOC, 2003. Disponível em: www.uoc.edu/artnodes/esp/art/baigorri0803/baigorri0803.html. Acesso em: 22 de março de 2015.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. 3ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
- BERTOLDO, Leylane de Campos. Turismo Rural na comunidade quilombola de caiana dos crioulos-PB: Análise dos elementos folkcomunicacionais como estratégia para o desenvolvimento local. **RIF**, Ponta Grossa/ PR Volume 13, Número 28, p.77-93, abril 2015.
- BORDIN, Vanessa Benites. **O jogo do bufão como ferramenta para o artista**. 2013. 115 fl. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.
- CHAIA, Miguel. Ativismo – Política e Arte Hoje. **Revista Aurora**, São Paulo, ano 1, 2007.
- COLEMAN, James S. Capital Social y creación de capital humano. In: HERREROS, Francisco; FRANCISCO, Andrés de (Comps.). **Capital Social**. Zona Abierta, 2001.
- DE JESUS, Paulo. Sobre Desenvolvimento Local e Sustentável: algumas considerações conceituais e suas implicações em projetos de pesquisa. In: MACIEL FILHO, Adalberto Rego; PEDROSA, Ivo Vasconcelos; ASSUNÇÃO, Luiz Marcio de Oliveira (Org.). **Gestão do Desenvolvimento Local Sustentável**. Recife: EDUPE, 2007.
- FRANCO, Augusto de. **Porque precisamos de desenvolvimento local integrado e sustentável**. 2ª Ed. Brasília: Instituto de Política, 2000.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2010.
- MIGUEZ, Paulo. A convenção da Unesco sobre Diversidade Cultural. In: LOPES, Antônio Herculano; CALABRE, Lia (Org.). **Diversidade Cultural Brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2005.
- PUTNAM, Roberto D. La comunidade próspera. El capital social y la vida pública. In: HERREROS, Francisco; FRANCISCO, Andrés de (Comps.). **Capital Social**. Zona Abierta, 2001.
- QUIRINO, Jessier. **Paisagem de Interior**. Recife: Bagaço, 1996.
- SCHMIDT, Cristina. Artesanato: mídia popular e o lembrar comunitário. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, Ano 15 n.15, p. 121-128 jan/dez. 2011.
- SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.